

CENTRO UNIVERSITÁRIO FEI  
WALTER DIAS JUNIOR

**EMPREENDEDORISMO NEGRO:** Um estudo exploratório a partir de experiências  
de fundadores de startups

São Paulo  
2023

WALTER DIAS JUNIOR

**EMPREENDEDORISMO NEGRO:** Um estudo exploratório a partir de experiências de fundadores de startups

Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro Universitário FEI como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Administração. Orientada pelo Prof. Dr. Pedro Jaime de Coelho Júnior e co-orientação do Professor Dr. Edson Sadao Iizuka.

São Paulo

2023

Dias Junior, Walter .

EMPREENDEORISMO NEGRO: Um estudo exploratório a partir de experiências de fundadores de startups / Walter Dias Junior. São Paulo, 2023.

64 f. : il.

Dissertação - Centro Universitário FEI.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Jaime De Coelho Junior.

Coorientador: Prof. Dr. Edson Sadao Iizuka.

1. Raça . 2. Empreendedorismo negro. 3. Diversidade. 4. Inovação. I. Jaime De Coelho Junior, Pedro, orient. II. Título.

Elaborada pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da FEI com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Aluno:** Walter Dias Júnior

**Matrícula:** 322006-8

**Título do Trabalho:** "Empreendedorismo negro: um estudo exploratório a partir de experiências de fundadores de startups"

**Área de Concentração:** Gestão da Inovação

**Orientador:** Prof. Dr. Pedro Jaime de Coelho Junior

**Data da realização da defesa:** 17 / 02 / 2023

**Avaliação da Banca Examinadora:**

**ORIGINAL ASSINADA**

**Os membros da banca felicitam o candidato pela relevância do tema e ressaltam que o trabalho possui as qualidades suficientes para a obtenção do grau de mestre em Administração. Sugerem ainda aprofundamento das análises em diálogo com o referencial teórico para efeito de possíveis publicações de artigos.**

São Paulo, 17 / 02 / 2023.

**MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Pedro Jaime de Coelho Junior**

Ass.: \_\_\_\_\_

**Prof. Dr. Edson Sadao Iizuka**

Ass.: \_\_\_\_\_

**Prof. Dr. André Luis Silva**

Ass.: \_\_\_\_\_

A Banca Julgadora acima-assinada atribuiu ao aluno o seguinte resultado:

APROVADO

REPROVADO

Aprovação da Coordenadora do Programa de Pós-graduação

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Tereza Saraiva de Souza

A mudança não virá se esperarmos por outra pessoa ou outros tempos. Nós somos aqueles por quem estávamos esperando. Nós somos a mudança que procuramos.

**Barack Obama**

A educação é um elemento importante na luta pelos direitos humanos. É o meio para ajudar os nossos filhos e as pessoas a redescobrirem a sua identidade e, assim, aumentar o seu auto-respeito. Educação é o nosso passaporte para o futuro, pois o amanhã só pertence ao povo que prepara o hoje.

**Malcom X**

Disseram que nós não chegaríamos aqui. E houve quem dissesse que nós só chegaríamos aqui por cima dos seus cadáveres. Mas o mundo inteiro hoje sabe que nós estamos aqui e que estamos de pé diante das forças do poder, dizendo: 'Não vamos deixar ninguém nos fazer voltar para trás'.

**Martin Luther King Jr.**

Dedico esta dissertação a algumas pessoas especiais em minha vida e principalmente para o meu coração: minha irmã Natália, meu irmão Vinicius, meu afilhado Guilherme e meu primo Luiz Carlos. E de forma especial a minha amada filha Alicia, que ainda está conhecendo as primeiras letras do alfabeto, despertando para o prazer em aprender.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de iniciar os agradecimentos ao meu orientador, professor Dr. Pedro Jaime Coelho Júnior que com muito carinho, acreditou em mim e me conduziu de forma magistral até este momento para a conclusão desta importante etapa da minha vida. Sem ele que teve a compreensão e grande empatia em alguns dos meus momentos tão difíceis durante a jornada, não seria possível de forma alguma chegar até aqui.

Agradeço ao meu co-orientador, professor Dr. Edson Sadao Iizuka, pela orientação, incentivo, amizade e generosidade.

A todos os professores e professoras que durante as disciplinas me tornaram melhor para que eu conseguisse chegar nessa etapa final. E à Fernanda da secretária que sempre esteve disponível e disposta a me ajudar nos momentos de dúvidas.

A minha família em geral por entender minha ausência em alguns momentos importantes. E em especial ao meu tio Walmir pelo incentivo e por sempre acreditar que um dia eu me tornaria um professor. Agora estou mais perto desse sonho.

Em especial, agradeço a minha querida esposa Ana Paula por todo apoio desde o início dessa trajetória, pois ela chorou comigo quando dei a notícia que fui aprovado no processo seletivo e a partir daquele momento me permitiu focar exclusivamente no mestrado. E ela ficou responsável por praticamente todos os nossos afazeres, inclusive com nossa filha ainda bebê. Ela que sempre me incentivou e torceu por mim, agradeço do fundo do meu coração todo o esforço em me ajudar e por principalmente entender minha ausência nesse longo período.

## RESUMO

Buscou-se com esse estudo analisar as experiências vividas por pessoas negras ao empreenderem no universo das startups e quais obstáculos e oportunidades encontram e como agem para enfrentá-los ou aproveitá-las na gestão dos seus negócios. A pesquisa teve uma natureza exploratória e a abordagem metodológica adotada foi qualitativa, recorrendo-se a entrevistas em profundidade com três empreendedores e a dados secundários provenientes de surveys já realizadas por algumas organizações do ecossistema de inovação. Espera-se que o estudo tenha contribuído para a compreensão de como a questão racial interfere nas experiências dos empreendedores negros.

**Palavras-chave:** Raça. Empreendedorismo negro. Diversidade. Inovação.

## **ABSTRACT**

The aim of this study was to analyze the experiences lived by black people when starting business in the universe of startups, as well as to observe the obstacles and opportunities they encounter and how they act to face them or take advantage of them in the management of their businesses. The research was exploratory and the methodological approach adopted was qualitative, resorting deep interviews with black entrepreneurs and secondary data from surveys already carried out by some organizations in the innovation ecosystem. It is expected that this study has contributed to understanding how the racial issue affects the experiences of black entrepreneurs.

**Key words:** Race. Black entrepreneurship. Diversity. Innovation.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição por gênero e idade -----	18
Gráfico 2 – Região dos empreendedores negros -----	18
Gráfico 3 – Grau de instrução dos empreendedores negros -----	19
Gráfico 4 – Renda familiar dos empreendedores negros -----	19
Gráfico 5 – Setores de atuação dos empreendedores negros -----	20
Gráfico 6 – Local de trabalho -----	20
Gráfico 7 – Faturamento médio mensal -----	20
Gráfico 8 – O dinheiro chega ao final do mês? -----	21
Gráfico 9 – Motivação para empreender -----	21
Gráfico 10 – Formalização de funcionários (CLT) -----	22
Gráfico 11 – O que é sucesso para você? -----	22
Gráfico 12 – Por que não formalizou? -----	23
Gráfico 13 – Inovação e suas dificuldades -----	23

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais obstáculos e oportunidades .....	24
Quadro 2 – Principais obstáculos e oportunidades .....	37
Quadro 3 – Perfil dos Entrevistados .....	40

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	15
2.1 EMPREENDEDORISMO.....	16
2.2 EMPREENDEDORISMO NEGRO NO BRASIL: ALGUNS DADOS EMPÍRICOS .....	17
2.3 EMPREENDEDORISMO NEGRO: MAPEAMENTO DA LITERATURA .....	24
2.4 BREVE SÍNTESE DA REVISÃO DA LITERATURA .....	36
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	37
3.1 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	37
3.2 ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	39
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	40
4.1 ENTREVISTADO 1 (E1) .....	41
4.2 ENTREVISTADO 2 (E2) .....	44
4.3 ENTREVISTADO 3 (E3) .....	47
4.4 UMA VISÃO DE CONJUNTO DAS EXPERIÊNCIAS DOS TRÊS EMPREENDEDORES .....	50
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	55

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa sobre o empreendedorismo negro em suas relações com o ecossistema de inovação. Ele pretende explorar como tem sido as experiências vivenciadas por pessoas negras ao empreenderem no universo das startups e quais obstáculos e oportunidades encontram na gestão dos seus negócios.

No Brasil, existem aproximadamente 118 milhões de pessoas negras, representando cerca de 56% da população total (IBGE, 2020). Porém, este segmento, embora configure a maioria populacional em termos demográficos, se constitui numa minoria em relação às posições de maior prestígio, poder e rendimentos. Isto porque, quando se leva em conta a representatividade e proporcionalidade, os negros sempre estão em desvantagem discrepante. Um país negro em sua maioria, mas que nas universidades, cargos executivos, política, empreendedorismo, e em qualquer área que demande maior qualificação, os negros ainda estão sub representados. Como evidenciam dados do IBGE (2019) 33% dos negros viviam abaixo da linha da pobreza contra 15% dos brancos. A taxa de analfabetismo dos negros era quase o dobro da dos brancos, sendo respectivamente 20,7% e 11%. Tratando-se de representação política na câmara dos deputados, apenas 24% das cadeiras são ocupadas por negros contra 76% de brancos. E no mercado de trabalho 30% dos cargos gerenciais nas empresas são ocupados por negros, enquanto os brancos ocupam 69%.

O fim do sistema colonial escravista no Brasil, ao contrário dos EUA, não foi seguido por um período de segregação racial formal. Isso, somado a ideologia nacional caracterizada pelo mito da democracia racial, impediu que a solidariedade étnico-racial fosse alcançada na comunidade negra, o que pode ter afetado a formação de empreendedores negros. Já nos Estados Unidos, a população negra é de aproximadamente 12%, mas a proporcionalidade em diferentes ocupações é mais próxima dessa realidade demográfica, sendo que os negros ocupam quase 10% dos cargos de direção nas 100 maiores empresas que atuam no território estadunidense, enquanto no Brasil apenas 4,7% das posições de direção são ocupadas por negros nas 500 maiores empresas que operam no país de acordo com a pesquisa realizada pelo Instituto Ethos (IBGE, 2019, 2020; US CENSUS BUREAU, 2021; FERREIRA, 2013; INSTITUTO ETHOS, 2016).

De acordo com a pesquisa produzida em 2019 pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM) em parceria com o Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) e Sebrae, a taxa total de empreendedores negros no Brasil (39%) é maior do que a de brancos (37,8%). Apesar disso, 27,1% dos empreendedores negros começam um negócio por necessidade, movidos pelo desemprego. Segundo outro levantamento, realizado pela Associação Brasileira de Startups (Abstartups), o percentual de negros fundadores de startups é de apenas 5,8%, por ser necessário maior grau de instrução sobre tecnologia, desenvolvimento de software e mercado. Nestes ambientes, a maioria dos negros fica para trás por conta da realidade social em que estão inseridos (GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR; IBQP – INSTITUTO BRASILEIRO DE QUALIDADE E PRODUTIVIDADE; SEBRAE, 2019; MUNDO NEGRO, 2022; SEBRAE, 2020; IBGE, 2019).

Em 2019, foi realizada uma grande pesquisa produzida em parceria pela empresa de consultoria Plano CDE, a empresa social Feira Preta e o banco de investimento JPMorgan para mapear os perfis e características do empreendedorismo negro no Brasil. Dentre os mais de 900 entrevistados, 59,3% dos empreendedores negros tem até o ensino médio completo e 60% possuem renda familiar de até 5 mil reais por mês. O estudo também apresenta 4 tipos de empreendedores:

- a) empreendedores por necessidade: os que iniciam um negócio por necessidade, tendo como maior motivação a superação do desemprego;
- b) empreendedores por vocação: aqueles que iniciam o empreendimento motivados pelo desejo de serem autônomos;
- c) empreendedor por engajamento: os que desejam realizar a ação empreendedora a partir de uma postura de afirmação identitária, estando o negócio voltado para o público negro;
- d) perfil misto.

Em todos os tipos há relatos de racismo sofrido pelos empreendedores. No entanto, aqueles que compõem o perfil engajado são mais enfáticos ao descreverem os impactos diretos do racismo nos seus negócios. Eles sinalizam para a falta de confiança de fornecedores e clientes, para a dificuldade de acessar crédito etc. E quem empreende por engajamento possui postura ativista contra o racismo e encara o empreendedorismo não só como fonte de renda, mas também como movimento de autoafirmação, como espécie de “cura” para o racismo que sofreram. Contudo,

nesse levantamento não foi possível verificar empresas criadas por empreendedores negros no ecossistema de tecnologia e inovação (PLANO CDE; FEIRA PRETA; JPMORGAN, 2019).

Diante desse quadro percebe-se um movimento crescente nos últimos anos para investimentos em empresas iniciadas por empreendedores negros. O Google por meio do Black Founders Fund – Google for Startups, já investiu R\$ 5 milhões nos últimos 2 anos e até a metade de 2023 investirá mais R\$ 8,5 milhões em empresas criadas por negros. A organização BlackRocks Startups promove negócios tecnológicos liderados por pessoas negras e fechou uma parceria com a rede social TikTok e o Banco BTG Pactual para realizar sua terceira edição de aceleração de startups cujas empresas selecionadas receberão o investimento de US\$ 5 mil dólares por mês durante dois anos. O Nubank investiu R\$ 1 milhão em startups criadas por negros por meio do seu programa Semente Preta, iniciado em 2021. Além do investimento, os empreendedores(as) selecionadas participarão de encontros de networking e mentorias pontuais com os times do Nubank.

Já o grupo Carrefour, que desde 2020 vem investindo em ações antirracistas, destinou entre 2021 e 2022 R\$ 2 milhões para transformar empresas iniciadas por negros em fornecedoras de produtos para o grupo. Alguns produtos oriundos dessa ação já começaram a ser vendidos em lojas físicas nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, além do site. O fato de empresas como essas estarem se movimentando em prol do empreendedorismo negro evidencia a visibilidade e relevância do tema em questão. É importante que existam todos esses incentivos, mas ainda há um grande caminho a ser percorrido (FILIPPE, 2022; MONEY TIMES, 2022; CORACCINI, 2021; MUNDO NEGRO, 2021; ESTADÃO, 2021).

Pensando bem esses valores são baixos, para o tamanho do faturamento das empresas citadas. Ademais, muitas vezes esse investimento é uma resposta da empresa a práticas racistas das quais foram acusadas, caso do Carrefour, que se viu abrigado a assinar um Termo de Ajustamento de Conduta com o Ministério Público em razão de casos de morte por violência racista envolvendo seus seguranças e consumidores negros.

Essas empresas buscam por meio de suas ações, seja destinar recursos financeiros, prover mentoria aos empreendedores negros e até mesmo acelerar os seus negócios. As aceleradoras são organizações que auxiliam o desenvolvimento inicial de novas startups, por meio de um processo estruturado e finito, que inclui

capacitação, mentorias, infraestrutura, identificação de público-alvo e serviços de apoio. Elas geralmente fornecem uma pequena quantidade de capital em troca de uma participação societária futura nos negócios acelerados. Também é oferecido oportunidades de networking e mentoria com empreendedores bem-sucedidos, venture capital ou investidores anjo. Por fim, grande parte dos programas é concluído com um evento, no qual as startups aceleradas são convidadas a se apresentarem para uma grande plateia de investidores (COHEN, 2013; HOCHBERG, 2016).

No mundo acadêmico, especialmente no caso brasileiro, há uma grande lacuna de pesquisas sobre o tema do empreendedorismo negro, principalmente no que se refere à sua presença/ausência no ecossistema de tecnologia e inovação. Dentre os poucos estudos anteriores encontrados a maioria é proveniente dos Estados Unidos. Ainda assim, abordam a questão dos empreendedores negros, mas não exploram suas conexões com startups e/ou inovação. Trata-se de investigações que privilegiam questões como segregação racial e comércio, relação entre riqueza e empreendedorismo de brancos e negros, empreendedorismo negro antes da guerra civil, incentivo do governo e instituições financeiras ao empreendedorismo negro e o papel das universidades historicamente negras no fomento ao empreendedorismo negro (BOYD, 2007; BRADFORD, 2014; COLES, 1973; FESSELMAYER; SEAH, 2017; WALKER, 1986).

No caso do Brasil, o levantamento revelou resultados ainda mais escassos. Em um mapeamento realizado na base de dados Spell a partir das palavras-chave empreendedorismo negro, empreendedores negros e afroempreendedorismo, foram encontrados alguns poucos artigos que trataram do tema através de diferentes abordagens como os nomeados salões étnicos, que tem como finalidade incentivar a autoaceitação e cuidar do cabelo crespo e/ou cacheado de mulheres e homens negros. Também a iniciativa do afro turismo, que está crescendo em diversas regiões do país, ajudando a fortalecer a cultura afro-brasileira por meio do turismo. Ainda as feiras e as tecnologias móveis como práticas de organização dos negros empreendedores que destacam as especificidades não apenas de suas ações empreendedoras, mas também de sua resistência cultural. Apesar de toda a relevância deste estudo e sua relação com o empreendedorismo negro, ele não foca em questões de tecnologia e inovação (REZENDE; MAFRA; PEREIRA, 2018; FARIAS; PIMENTEL; SANTOS, 2021; SANTOS; OLIVEIRA, 2020).

Portanto, esse estudo se fez relevante por pelo menos dois aspectos. O primeiro é que o universo das startups tem crescido muito nos últimos anos, impulsionado, inclusive, por programas de aceleração implementados por grandes corporações. Porém, ainda é muito baixa a participação de empreendedores negros neste setor dinâmico da economia (NUNES, 2019). O segundo aspecto é que ainda são muito escassos os estudos internacionais, e sobretudo nacionais, que abordam a questão racial na perspectiva do empreendedorismo tecnológico. Em síntese, a investigação sobre esse fenômeno se justificou tanto pela sua importância social, quanto pela sua relevância científica.

Sendo assim, a pesquisa abordou a questão racial no ecossistema de inovação. Buscou-se com esse estudo analisar como foram ou estão sendo as experiências desses empreendedores negros na gestão dos seus negócios.

O problema de pesquisa foi estruturado a partir das seguintes perguntas de investigação: Como tem sido as experiências vivenciadas por pessoas negras ao empreenderem no universo das startups? Quais obstáculos e quais oportunidades encontram e como agem para enfrentá-los ou aproveitá-las na gestão dos seus negócios?

A fim de responder a essas perguntas de investigação, foi realizada uma investigação de caráter exploratório, uma vez que, como já mencionado, são ainda muito escassos os trabalhos que abordam o empreendedorismo negro, especialmente na realidade brasileira. Foi adotada uma abordagem metodológica qualitativa, em razão da sua adequação às pesquisas de caráter exploratório. A sua operacionalização abarcou a realização de entrevistas semi-estruturadas com empreendedores negros que estão inseridos no ecossistema de inovação.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesta seção serão apresentados conceitos como empreendedorismo e alguns dados empíricos oriundos de pesquisas, sobre o empreendedorismo negro no Brasil.

## 2.1 EMPREENDEDORISMO

A literatura fornece múltiplas definições para o termo “empreendedorismo”. Este termo teve origem na França, onde derivou da palavra *entrepreneur*. Nos Estados Unidos ele é conhecido a mais tempo, se comparado ao Brasil, onde se tornou mais popular por volta da segunda metade da década de 1990. Foi realizado um levantamento sobre algumas das diversas definições existentes sobre o empreendedorismo e alguns aspectos se encontram presentes na maioria delas como por exemplo: a “iniciativa para criar um negócio”, a “utilização criativa dos recursos disponíveis” e “assumir riscos” (DORNELAS, 2008).

O ato de empreender é inovador e impulsiona o desenvolvimento econômico e social através da revolução nos padrões. Com isso, o processo de desenvolvimento que é aplicado, não pode somente ser considerado como um simples crescimento da economia e sim como um fenômeno que apresenta um fluxo circular que tende ao equilíbrio, promovendo mudanças efetivas na estrutura existente (SCHUMPETER, 1997).

O comportamento empreendedor é transitório e decorre da capacidade das pessoas de aproveitar as oportunidades que surgem no momento. O empreendedorismo é um processo de descoberta e exploração de novas oportunidades econômicas (SHANE; VENKATARAMAN, 2000).

Para Stevenson e Jarillo (1990), empreendedorismo significa muito mais do que iniciar novos negócios. Trata-se, para eles, do processo pelo qual os indivíduos, seja de dentro de sua organização ou por meio de terceiros, buscam oportunidades sem levar em conta os recursos que atualmente controlam.

Empreendedorismo é também a capacidade de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade. Pode ser um negócio, um projeto ou mesmo um movimento que gere mudanças reais e impacto no cotidiano das pessoas (SEBRAE, 2021).

É possível notar que há muitas definições para a palavra “empreendedorismo”. No entanto, há um consenso de que o termo é bastante utilizado quando se trata de organização, criatividade, assumir riscos e inovação.

## 2.2 EMPREENDEDORISMO NEGRO NO BRASIL: ALGUNS DADOS EMPÍRICOS

Atualmente no Brasil há mais de 28 milhões de trabalhadores por conta própria ou empregadores. Destes, 51% são negros conforme a pesquisa Potência Negra realizada com mais de 2.000 pessoas em todo o Brasil pela Feira Preta e Instituto Locomotiva Brasil em 2021. O estudo também mostra que 94% dos empreendedores negros afirmam que mesmo com dificuldades, buscam sempre alcançar os objetivos e 64% apontam que a maior barreira para a realização do sonho de empreender é a dificuldade em conseguir crédito no mercado. Entre os jovens negros de até 35 anos, a maior barreira apontada logo após a falta de dinheiro, é a dificuldade de acesso ao estudo, que aparece em 21% das respostas, sendo que apenas 13% dos respondentes declararam ter acesso ao ensino superior. Os empreendedores não negros declararam ter CNPJ 41% das vezes, em relação aos negros esse dado cai para 21%; e mesmo com essa discrepância, os empreendedores negros são responsáveis por movimentar na economia brasileira mais de R\$ 361 bilhões por ano (GRATÃO, 2021; RODRIGUES, 2021).

Em 2019, foi realizada uma pesquisa pela Plano CDE em parceria com a Feira Preta e JPMorgan, que mapeou perfis dos empreendedores negros no Brasil. Em todo país, mais de 1200 empreendedores de todos os gêneros e classes sociais foram entrevistados, sendo 918 empreendedores negros e 302 empreendedores brancos entre 18 e 70 anos. Dentre os empreendedores negros que participaram do levantamento, 19% se identificaram como pretos e 81% como pardos/mulatos.

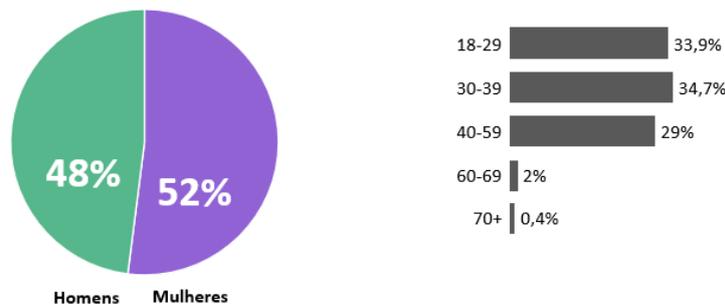
O empreendedorismo negro no Brasil não é homogêneo. Há perfis de profissionalismo no negócio e de valorização das questões raciais. A pesquisa identificou quatro perfis:

- a) Necessidade (34%): motivados a empreender muitas vezes por necessidade ou situação de desemprego. É um grupo que se sente menos afetado pelo racismo, mas sabe que existe;
- b) Vocação (35%): familiaridade com a atividade e desejo de ser autônomo, às vezes somados a dificuldades em se adequar no mercado de trabalho. Há percepções variadas sobre racismo. Alguns não se identificam como negros e possuem visão meritocrática. Outros relatam terem sido alvo de discriminação;

- c) Engajado: (22%): desejo de empreender, muitas vezes somado à vontade de exercer atividade auto afirmativa, voltada para a população negra. Postura combativa contra o racismo. Encara o empreendedorismo negro, também denominado de afro empreendedorismo, não só como trabalho/fonte de renda, mas também como ação auto afirmativa;
- d) Misto (9%): junção de todos os perfis.

O Gráfico 1 apresenta a distribuição desses empreendedores por gênero e idade, revelando que há um equilíbrio entre homens e mulheres; e que a maioria dos empreendedores tem até 40 anos.

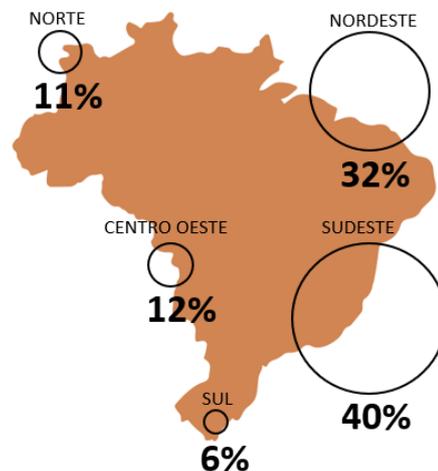
Gráfico 1 – Distribuição por gênero e idade



Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

O Gráfico 2 traz a distribuição dos empreendedores negros por região, revelando uma maior concentração nas regiões sudeste e nordeste.

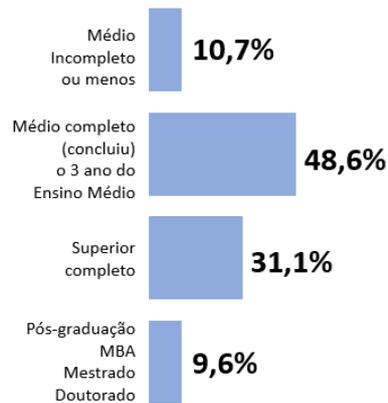
Gráfico 2 – Região dos empreendedores negros



Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

O Gráfico 3 evidencia que mais da metade dos empreendedores negros tem até o ensino médio completo.

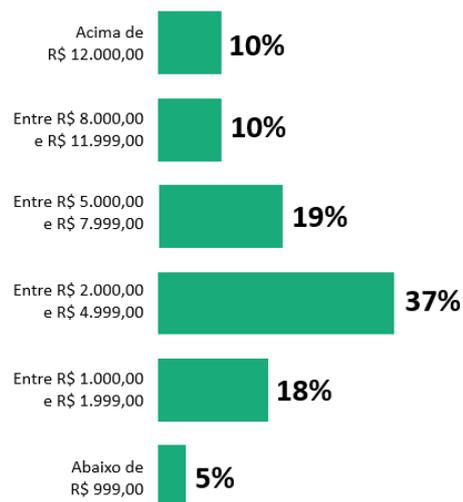
Gráfico 3 – Grau de instrução dos empreendedores negros



Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

O Gráfico 4 mostra que a maioria dos empreendedores negros possui renda familiar até R\$5.000 reais.

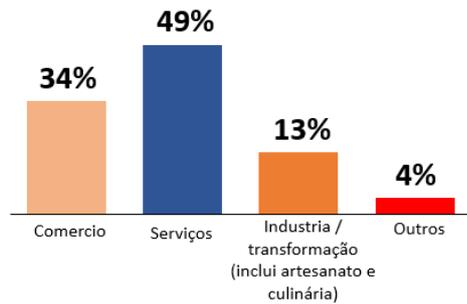
Gráfico 4 – Renda familiar dos empreendedores negros



Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

O Gráfico 5 retrata que metade dos empreendedores negros atuam no setor de serviços e a segunda maior parcela atua no setor de comércio.

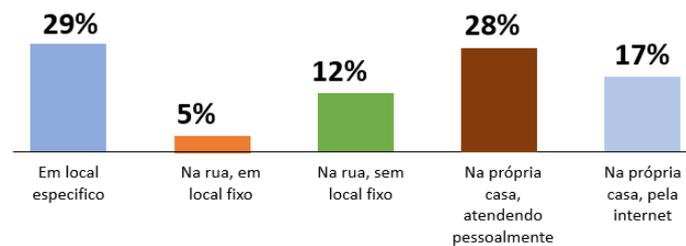
Gráfico 5 – Setores de atuação dos empreendedores negros



Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

O Gráfico 6 evidencia que apenas uma pequena parcela não possui local fixo para trabalhar.

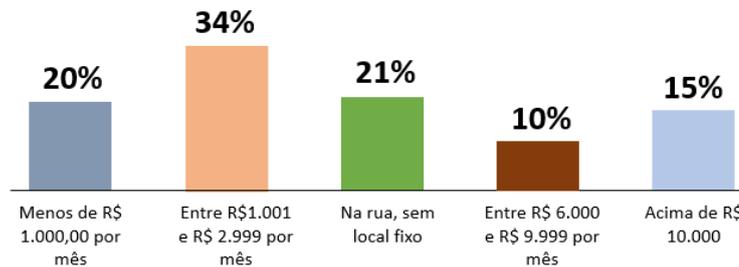
Gráfico 6 – Local de trabalho



Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

O Gráfico 7 mostra que a maioria dos empreendedores fatura até R\$3.000 por mês.

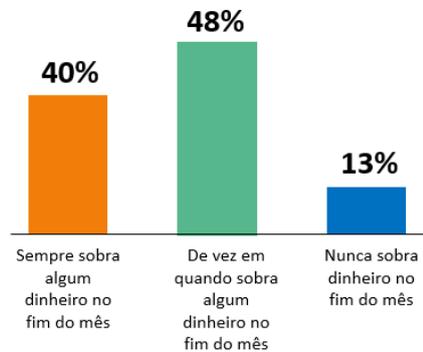
Gráfico 7 – Faturamento médio mensal



Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

O Gráfico 8 retrata que menos da metade dos empreendedores negros afirma sobrar dinheiro ao final do mês.

Gráfico 8 – O dinheiro chega ao final do mês?



Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

O Gráfico 9 evidencia que na comparação com empreendedores brancos, nota-se uma preocupação maior para aumento de renda e equilíbrio entre família e trabalho entre os negros.

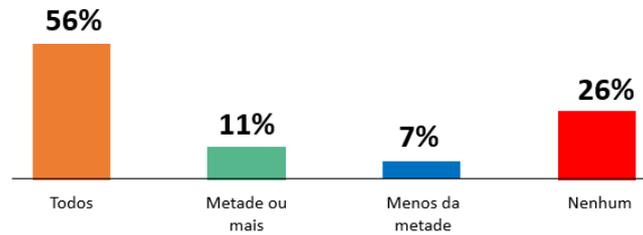
Gráfico 9 – Motivação para empreender



Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

O Gráfico 10 retrata que mais da metade dos empreendedores negros tem todos os seus funcionários com carteira de trabalho assinada.

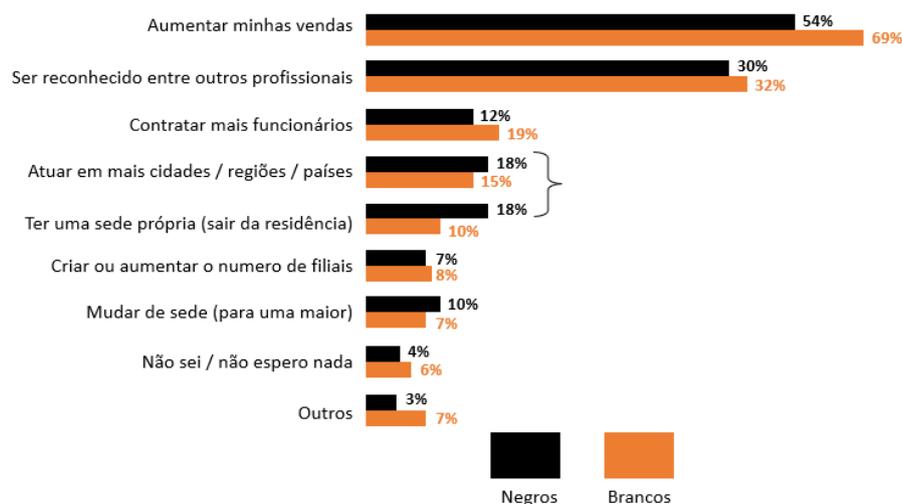
Gráfico 10 – Formalização de funcionários (CLT)



Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

O Gráfico 11 mostra que as expectativas de sucesso de empreendedores negros se diferenciam pelo desejo de aumentar o alcance e de seu negócio.

Gráfico 11 – O que é sucesso para você?



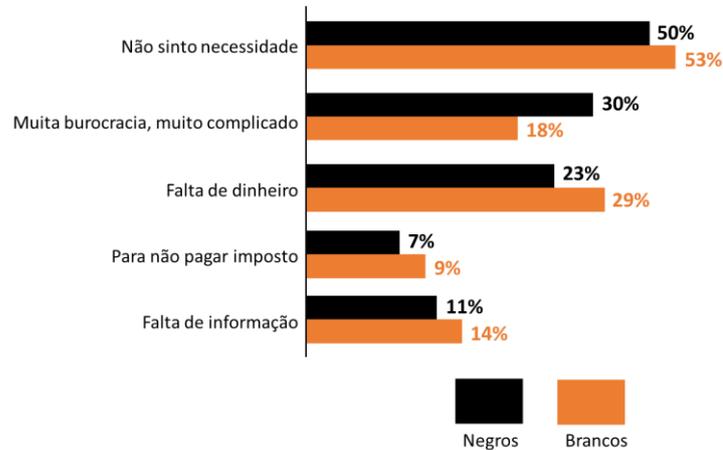
Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

Quanto ao processo de formalização, há tensões importantes entre altas expectativas, autoestima e racismo estrutural. Existe uma sensação de conquista na formalização, somada a um receio com os processos burocráticos, por baixo conhecimento.

No Gráfico 12 é possível notar que a falta de formalização aponta para uma diferença de percepção: empreendedores negros apontam com mais frequência

sentirem que é complicado abrir um CNPJ. Entre brancos, destaca-se a falta de dinheiro.

Gráfico 12 – Por que não formalizou?



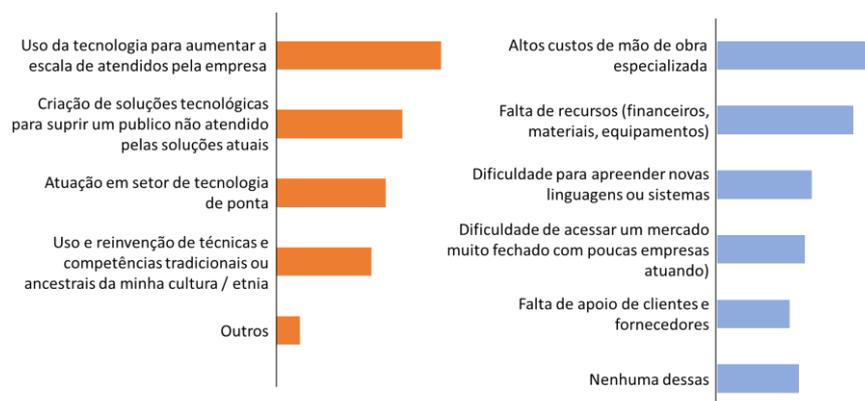
Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

Negócios negros têm de enfrentar com frequência clientes tentando diminuir preços. Os dados revelam que 71% dos clientes querem pechinchar preços, por não acreditam que o produto ou serviço seja de qualidade.

A percepção do racismo no acesso ao crédito é que de fato dificuldades ocorrem por razões raciais, pois 32% afirmam terem crédito negado sem motivo e 3% por serem negros.

Poucos empreendedores se enxergam como inovadores, apenas 24% consideram que trabalham com inovação. Maioria vê inovação como processo de aumento de escala, mas têm dificuldades com mão de obra e custos de equipamentos conforme Gráfico 13.

Gráfico 13 – Inovação e suas dificuldades



Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

O Quadro 1 apresenta uma síntese dos principais obstáculos e das principais oportunidades encontrados pelos empreendedores negros na condução dos seus negócios segundo o estudo realizado pela Feira Preta.

Quadro 1 – Principais obstáculos e oportunidades (blocos)

Principais obstáculos enfrentados por empreendedores negros segundo levantamento da Feira Preta	Principais oportunidades enfrentados por empreendedores negros segundo levantamento da Feira Preta
<ul style="list-style-type: none"> <li>-Acesso ao crédito</li> <li>-Acesso ao estudo</li> <li>-Falta de confiança de fornecedores de clientes</li> <li>-Clientes tentando diminuir preços por não acreditarem que o produto ou serviço seja de qualidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Empreendedorismo étnico</li> </ul>

Fonte: Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN, 2019

Após apresentar esses dados empíricos presentes numa survey já publicada sobre empreendedores negros, passa-se na próxima seção para uma revisão da literatura sobre estudos científicos já publicados sobre esse tema.

### 2.3 EMPREENDEDORISMO NEGRO: MAPEAMENTO DA LITERATURA

O tema empreendedorismo vem ganhando espaço e se tornando cada vez mais relevante dentro da área de gestão como tema de pesquisa, porém atenção ainda insuficiente tem sido dada ao empreendedorismo negro, especialmente no Brasil.

Parte dos artigos que compõem essa revisão foram mapeados por mim em um levantamento feito nas plataformas Spell e Web of Science – Web of Science Core Collection. A outra parte dos artigos já estavam inseridos na discussão teórica empreendida pelos autores Oliveira, Iizuka e Jaime (2021), no estudo cujo título é *Black Entrepreneurship: Theoretical Contributions, Challenges, and Opportunities*.

Os artigos encontrados foram em sua maioria veiculados em periódicos dos EUA publicados entre 1972 e 2021, para compor uma revisão de literatura narrativa qualitativa que, de acordo com Rother (2007, p. 5): “são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado

assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual”. Em síntese, não foram encontrados na literatura internacional e nacional trabalhos que abordam o empreendedorismo negro em sua face tecnológica e seus desdobramentos sobre startups e ecossistema de inovação.

Os estudos científicos sobre empreendedorismo negro encontrados, foram divididos em três grandes blocos. O primeiro bloco trata as comparações entre empreendedores negros e brancos ou outros grupos étnicos, o segundo aborda os artigos relacionados aos avanços e oportunidades conquistados pelos empreendedores negros e por fim o terceiro e último bloco analisa os artigos que apontam a presença do racismo estrutural atingindo o empreendedorismo negro.

A seguir são sumarizados os artigos que compõem cada um desses blocos. Esses artigos estão apresentados numa linha do tempo, a fim de tentar evidenciar como os estudos em cada um dos blocos foram se constituindo ao longo dos anos.

#### Bloco 1: Comparações entre empreendedores negros e brancos ou outros grupos étnicos

Levine (1972) explica que o empreendedorismo negro é um movimento que tem como objetivo a igualdade de oportunidades econômicas entre negros e brancos. Seu artigo tem como finalidade identificar tendências e variáveis para poder sugerir estratégias que possam auxiliar e incentivar o empreendedorismo negro a ser mais inteligente e significativo. De acordo com as análises realizadas, o governo fará mais esforços para engajar o capitalismo negro e aprofundará as análises para serem criadas políticas públicas para atingir os resultados.

Light (1972), por meio de dados históricos sobre linhas de crédito, demanda do consumidor, operações bancárias e opiniões de grupos étnicos minoritários que sofreram discriminação, investigou-se as causas das diferenças na criação e desenvolvimento de pequenas empresas entre as comunidades de imigrantes japoneses, chineses e negros nos EUA. Chegou-se à conclusão de que cada um desses grupos enfrenta dificuldades diferentes, mas todos eles enfrentam em comum a discriminação e a falta de educação formal.

Já Bates (1975) examina os pequenos negócios, mais especificamente o esforço destes para conseguir empréstimo, e descreve as mudanças ao longo do tempo sobre o número e o volume de empréstimos em dólares direcionados para

empresários através dos vários programas de empréstimo da SBA (Small Business Administration). Os números sugerem que o SBA estava aumentando o número relativo de empréstimos a grupos minoritários e as evidências indicam que empréstimos cedidos pelo governo para promover o capitalismo negro diminuiu com o passar dos anos. A SBA estaria promovendo o empreendedorismo para os negros e outros grupos minoritários, porém confiando cada vez mais empréstimos a outros grupos e menos para os empresários negros, mostrando assim que os negros têm maior dificuldade dentre os grupos minoritários para conseguir crédito.

Outro estudo de Light (1979), aponta, por meio da teoria da desvantagem, como a discriminação racial contra negros e grupos religiosos resulta em desemprego e baixos salários. Os grupos minoritários precisam abrir seus próprios negócios e os mais pobres são mais vulneráveis a ficar desempregados. Isto significa que se a pobreza ou qualquer outra forma de discriminação ocorrer no mercado de trabalho, essas variáveis podem determinar as taxas de trabalhadores autônomos, sendo os negros as maiores vítimas do desemprego promovido pela discriminação racial.

De acordo com Boyd (1996), as mudanças na composição étnica no norte dos Estados Unidos afetaram negativamente as perspectivas econômicas dos negros e do empreendedorismo negro no início do século XX, quando a migração para essas cidades começou. Este problema colocou os negros em uma situação desvantajosa economicamente até o final do século XX, impedindo-os de empreender atividades empresariais. Vale também citar outro estudo de Boyd (1998), que analisa a relação entre duas variáveis, sendo (1) o isolamento espacial dos negros e (2) a representação dos negros no comércio varejista. No período entre 1900 e 1930, a associação entre essas duas variáveis tornou-se significativamente positiva. Foi concluído que após o surgimento de comunidades negras segregadas nas cidades do norte ao final do período de estudo, o isolamento espacial aumentou a participação de negros no comércio varejista. Eles teriam encontrado um nicho de mercado.

Razin e Light (1998) utilizaram dados do censo de 1990 e comparam 77 imigrantes e grupos étnicos nas 16 maiores áreas metropolitanas dos Estados Unidos. Seus resultados revelam uma distinção entre grupos tradicionais (imigrantes europeus brancos) e grupos não tradicionais (imigrantes latinos, asiáticos e negros nativos). Comparados aos grupos tradicionais, os grupos não tradicionais são mais

resistentes ao contexto. Ou seja, eles se concentram em poucos nichos empresariais e exibem alta continuidade de nicho nas regiões metropolitanas. A competição do grupo influencia as concentrações de nicho, mas não é aparente um impacto adverso sobre o empreendedorismo negro.

Com base em dados que cobrem 21 anos de análise (1968 a 1989) do Panel Study of Income Dynamics nos EUA, Fairlie (1999) mostrou por que existe uma significativa diferença entre os negócios de negros e brancos, sendo a taxa de empregabilidade dos negros quase um terço da dos brancos. Alguns fatores importantes podem explicar essa diferença, pois os negros têm pouco ou nenhum patrimônio financeiro e em sua maioria não possuem um negócio próprio na família. Fairlie e Meyer (2000) confirmam os resultados de Fairlie (1999), ao apresentarem um baixo índice de negros que possuíam empresas próprias em todos os tipos das indústrias de 1910 a 1990. Assim, os autores argumentam que ter pouca experiência empresarial tem um efeito negativo direto no desempenho de empresas de propriedades de negros.

Teixeira (2001) apresenta um estudo que foi realizado na cidade de Toronto no Canada cujo objetivo foi examinar o comportamento, estratégias e barreiras enfrentadas por proprietários de empresas étnicas para avaliar como raça e etnia impactam o empreendedorismo. A pesquisa visou investigar se existem diferenças no que diz respeito à utilização dos recursos do grupo (família, amigos e apoio/vínculos comunitários) e como esses recursos contribuem para a formação, manutenção e sucesso de empresas portuguesas e negras na região. Os resultados apontam que os empreendedores portugueses diferem significativamente dos empreendedores negros na medida em que confiam mais frequentemente em seus recursos comunitários étnicos. No entanto, os empreendedores negros encontraram mais barreiras para iniciar e/ou operar seus negócios, particularmente em razão das dificuldades para obtenção de crédito/empréstimos de instituições financeiras e bancos. Contudo, apesar de tais barreiras, os empreendedores negros são mais otimistas do que os portugueses em relação ao futuro de seus negócios.

Para entender como é a dinâmica da riqueza para famílias negras e brancas ligadas ao empreendedorismo nos EUA, Bradford (2014) apresenta um estudo que mostra que entre as famílias negras e brancas, os empresários detêm desproporcionalmente maior riqueza do que os trabalhadores. Os empresários negros detêm uma fração menor da riqueza da família negra comparado aos

empresários brancos e riqueza da família branca, pois as famílias negras têm menor índice de empreendedorismo. Empreendedores negros e brancos têm maior riqueza do que trabalhadores negros e brancos, respectivamente. Os empresários conseguem fazer investimentos a taxas mais altas do que os trabalhadores, e essas taxas para empresários negros e brancos são semelhantes.

Kollinger e Minniti (2006) estudaram as variáveis relacionadas as diferenças entre americanos negros e brancos no empreendedorismo. Os resultados mostram que os negros são duas vezes mais propensos a começar um negócio. Isso evidencia que a sub-representação de negros americanos entre empresários não é devido à falta de tentativa, mas sim a barreiras de entrada mais altas e altas taxas de falhas por falta de determinados conhecimentos.

Seguindo a lógica esforço-desempenho-resultado da teoria da expectativa e usando dados do Panel Study of Entrepreneurial Dynamics (PSED), esse estudo investiga as diferenças entre as motivações de empreendedores negros e brancos e as intenções de desenvolver um novo empreendimento. Os resultados indicam que existem diferenças significativas nas motivações entre empreendedores negros e brancos e, também, existem diferenças sistemáticas entre empresas que pertencem às minorias e empresas não pertencentes aos segmentos minorizados no que diz respeito ao crescimento. Empresários negros são 50% mais propensos a se envolverem em atividades de startup do que os empreendedores brancos. No entanto, as empresas de propriedade de negros são menores e menos lucrativas do que suas contrapartes de propriedade de brancos (EDILMAN, 2010). Já Bradford (2014) utiliza dados de 1999 a 2009 do Panel Study of Income Dynamics (PSID) para examinar os níveis e diferença de riqueza de empresários e trabalhadores negros e brancos. Os resultados mostram que empreendedores negros têm maiores níveis de riqueza e mais mobilidade social do que os trabalhadores negros. A mobilidade social dos empresários negros é equivalente à dos empresários brancos, enquanto a mobilidade social dos empresários brancos é maior do que a dos trabalhadores brancos. Essas descobertas evidenciam que o empreendedorismo negro reduz a disparidade de riqueza entre famílias negras e brancas.

Para compreender como os empresários são percebidos, este estudo analisa as diferenças de percepção dos consumidores em relação aos empresários negros e brancos. Foram encontradas evidências empíricas de que existem relações significativas entre as percepções de legitimidade e as atitudes do consumidor em

relação aos empresários. Além disso, parece haver diferenças na forma como os consumidores percebem empresários negros e brancos, o que sugere desafios significativos enfrentados pelos empreendedores negros por não serem vistos como capazes de fornecer serviços ou produtos de qualidade (OGBOLU; SINGH; WILBON, 2015).

O artigo de Fesselmeyer e Seah (2017) se propõe a analisar o efeito da segregação de bairros no empreendedorismo negro. Foi abordado a classificação de bairros analisando as médias das cidades por instrumentação para segregação usando configurações históricas. Os resultados sugerem que os enclaves raciais podem criar mercados protegidos para negócios de propriedade dos negros que atendem consumidores negros mantidos fora dos mercados devido à discriminação (um efeito positivo), ou podem refletir o isolamento e privação socioeconômicos motivados pelo racismo (um efeito negativo) Assim, se os empreendedores negros focam na venda de produtos para negros, a desigualdade social pode reduzir e a taxa de empregabilidade pode aumentar, como também as vendas e receitas, uma vez que beneficia principalmente as pessoas que vivem em comunidades negras.

Kopkin (2017) explorou a relação entre o preconceito racial praticado contra os negros e a diferença no trabalho autônomo entre negros e brancos, fornecendo a primeira evidência empírica direta de que o preconceito racial afeta negativamente os empreendedores negros, particularmente em indústrias de alto custo inicial. Os resultados do seu estudo indicam que o preconceito racial dificulta o acesso do empreendedor negro ao crédito para financiar seus negócios.

Fairlie, Robb e Robinson (2020), exploraram as diferenças raciais nos resultados associados ao lançamento de novos negócios e para essa verificação, foram utilizados dados confidenciais da Kauffman Firm Survey e dados sobre score de crédito para analisar as disparidades raciais no acesso ao capital para novos empreendimentos. Os resultados sobre a desigualdade racial no financiamento de startups indicam que as startups criadas por negros começam pequenas e assim permanecem ao longo dos primeiros oito anos de atividade. As disparidades na qualidade de crédito restringem os empresários negros e os tratamentos que os bancos dão a eles também. Empresários negros solicitam empréstimos com menor frequência do que brancos e em grande parte é porque já esperam que o pedido seja negado, mesmo quando possuem bom histórico de crédito e em cenários onde fortes bancos locais favorecem o desenvolvimento de novos negócios. Para que as

empresas de propriedade de negros e brancos se equiparassem em tamanho, as empresas de propriedade de negros precisariam de investimentos substancialmente maiores nos anos iniciais para compensar as diferenças no momento fundação.

Sobre empresas de alto desempenho com receitas acima de 1 milhão, Conley e Bilimoria (2022) investigaram os obstáculos ao crescimento e como diferem entre as empresas pertencentes a empresários negros e brancos e levaram em conta também a questão de gênero. Os resultados revelaram que a falta de acesso a capital é enfrentada por todos os grupos de empreendedores, mas mulheres negras também enfrentaram discriminação racial e preconceito de gênero como obstáculos para o crescimento de seus negócios. Enquanto todos os empreendedores usaram estratégias de capital social para mitigar as barreiras ao crescimento que seus negócios enfrentaram, empresárias negras empregaram o engajamento em iniciativas governamentais e corporativas de diversidade como estratégias para superar os obstáculos.

## Bloco 2: Avanços e oportunidades dos empreendedores negros

Walker (1986) volta no tempo para nos trazer uma análise dos empreendedores negros antes da guerra civil. Segundo seu estudo, a diversidade observada nas atividades de negócios dos empresários negros antes da guerra reflete as respostas sociais e econômicas a um complexo conjunto de atitudes sociais, restrições raciais institucionais, tecnologia, inovações e padrões de assentamento de terras de fronteira, bem como mudanças nos padrões de vida urbana nas cidades do país. A expansão econômica da nação antes da guerra civil incentivou a participação do empreendedorismo negro.

Já Sonfield (1993) analisou questões básicas de progresso e sucesso no desenvolvimento de unidades de franquia de propriedade de negros. Algumas recomendações foram feitas para que as empresas franqueadoras desenvolvessem e fortalecessem essa minoria de franqueados. Pois se o objetivo do franqueador é somente responder a pressões da sociedade e atingir cotas e metas numéricas, o esforço será o mínimo necessário para atingir essa demanda. Por outro lado, se a empresa franqueadora enxergar questões raciais, culturais e diversidade étnica na propriedade de suas unidades como um impacto positivo na sociedade, então fará maiores esforços para atender as necessidades dos seus franqueados negros.

Boyd (2007) analisa dados de fontes oficiais sobre a história do empreendedorismo negro nos Estados Unidos. As evidências sugerem que as Historically Black Colleges and Universities tradicionalmente contribuem para a ascensão de negros à elite empresarial, especialmente no Sul onde essas instituições continuam a ser caminho para este seleto grupo de empresários. Ao documentar o importante papel das HBCUs na criação de um estrato superior de empresários negros, o autor adiciona uma nova dimensão à literatura mostrando que HBCUs produziram uma classe de liderança fundamental para o progresso social e econômico dos negros.

Com o objetivo de avaliar se as políticas de ações afirmativas em relação as empresas de etnia negra e outras minorias estão sendo realizadas com sucesso, Ram e Smallbone (2003) investigaram o entusiasmo político contínuo que incentiva o empreendedorismo no Reino Unido e influencia essa política. Os resultados sugerem que abordagens ineficazes são comuns para o suporte aos grupos de empresários minoritários. Porém, alguns exemplos encorajadores de iniciativas potencialmente satisfatórias estão em evidência, o que pode refletir uma crescente conscientização das reais necessidades dessa população. Uma série de diretrizes para políticas futuras são apresentadas, incluindo a importância da diversidade; a necessidade de uma estratégia de engajamento; melhor acesso ao financiamento e a promoção da diversidade setorial.

Jones (2017), explora narrativas de empreendedores negros sobre suas experiências e examina como esses empresários aproveitam a capacidade de efetuar mudanças por meio do discurso de maneiras que se engajem com os desafios socioculturais e políticos. Foram identificados quatro conceitos principais interligados: empoderamento econômico, empoderamento comunitário, legado e empoderamento da justiça social. Em geral, a narrativa dos empreendedores revelou que, para eles, o empreendedorismo negro é empoderamento cultural, pois trata-se de construir riqueza e estabilidade econômica. O empreendedorismo negro é em si, um ato de resistência, uma maneira de trabalhar dentro do sistema para alcançar o empoderamento cultural apesar da discriminação e marginalização.

Rezende, Mafra e Pereira (2018) abordam empresários negros com negócios voltados à estética negra para atender esse público que por décadas tem seus traços fenotípicos negados. Nomeados de salões étnicos, esses espaços têm como finalidade cuidar do cabelo crespo e/ou cacheado de mulheres e homens negros.

Através de entrevistas, foram realizadas análises sobre o enfrentamento de uma lógica colonialista a partir de negócios que valorizam a identidade negra. Os resultados sugerem que os salões de beleza étnicos são uma forma de resistência na medida em que produzem, reproduzem e mantêm saberes específicos fora do eixo capitalista dominante contribuindo para a construção da identidade racial dos negros em um país altamente racista que é o Brasil.

Oliveira e Santos (2020), discutiram como as práticas de organização/modo de fazer são influenciadas pela raça no cotidiano de trabalho dos negros empreendedores. Para isso, foi realizado um estudo com empreendedores negros residentes na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Eles observaram como a adoção do conceito de práticas, desenvolvido por Michel de Certeau, para as análises organizacionais implica um compromisso estético, ético e polêmico no combate às opressões raciais no cotidiano organizacional. Como resultados da pesquisa foi apresentado o autorreconhecimento como negro sendo um fator de grande relevância, as feiras como pontos de encontros para fazer negócios e as tecnologias móveis, por exemplo, redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas utilizados para práticas de organização dos negros empreendedores, apontadas como formas de resistência no contexto analisado.

Boyd (2020) examinou a Detroit Housewives League (DHL) com foco nas décadas de 1930 e 1940, concentrando-se nas ações dos membros da DHL como empresárias. As narrativas enquadraram a DHL como uma extensão do movimento de clubes de mulheres negras ou como parte dos movimentos de consumo dirigidos por mulheres negras das décadas na primeira metade do século 20. Essas mulheres da DHL trouxeram conhecimento prévio de negócios e gestão para sua organização e foram importantes especialistas e líderes de negócios. Por conduzirem pesquisas de negócios, criar redes comunitárias, estabelecer faculdades comerciais e outras formas de educação empresarial na cidade, o trabalho dos membros da DHL foi vital para a comunidade empresarial negra como um todo e principalmente para mulheres negras empresárias.

Com o objetivo de estudar o legado cultural dos negros no Brasil e contribuir para a desconstrução da imagem do negro atrelada à escravidão, Farias, Pimentel e Santos (2021) demonstram que o turismo étnico-afro, mediante a comercialização de roteiros específicos valorizam a cultura negra e possibilitam a abertura de postos de trabalho voltados ao empreendedor negro. Os resultados sugerem que o turismo

étnico-afro também atua de forma política, social, econômica e cultural dos negros, transformando-se, assim, em uma atividade capaz de empoderar o empreendedor negro e valorizar a cultura negra e afrodescendente.

### Bloco 3: Racismo Estrutural como barreira para os empreendedores negro

Coles (1973) apresenta a relação e os efeitos dos empréstimos liberados pelas instituições financeiras às empresas criadas por negros. Os resultados mostram que os recursos das instituições financeiras no setor privado quase não têm sido aproveitados para a assistência ao desenvolvimento de empresas negras, mesmo os ativos sendo distribuídos entre essas instituições com o objetivo de fomentar o empreendedorismo negro em diversas regiões dos Estados Unidos.

Já Irons (1976) discute os resultados de uma revisão bibliográfica sobre o empreendedorismo negro e suas justificativas, problemas e perspectivas enquanto organização em ambiente altamente racista. A comunidade empresarial, base de poder mais fundamental nos Estados Unidos, relutou muito, mas cedeu a entrada de negros americanos. Não é de se admirar que os negros historicamente tenham estado fora desse ambiente.

Boyd (1991) analisa os trabalhadores autônomos negros em grandes áreas metropolitanas entre 1970 e 1980 como um resultado afetado por gênero, estrutura familiar e capital humano, assim como as características do mercado de trabalho e demográficas da área local. A análise mostra que em 1970, o trabalho autônomo negro era dependente de nichos criados e mantidos pela desvantagem racial, mas em 1980 era encorajado por nichos apoiados por uma comunidade negra considerável e de status relativamente alto. Além disso, em 1980, a quantidade de trabalhadores autônomos negros era inversamente relacionada à proporção de negros empregados em órgãos governamentais, sugerindo que a atração de empregos do setor público pode ter desencorajado o empreendedorismo negro nessas áreas.

Silverman (1998) apresenta a análise de grandes empresas de propriedades de negros e se concentra nas experiências de fabricantes negros em uma única indústria em três períodos históricos distintos. Considerar esses períodos juntos é crucial, uma vez que destacam o quão firme era a indústria étnica de produtos de beleza estabelecida como uma instituição negra em Chicago, e como a instabilidade

dos fabricantes negros contemporâneos neste setor está ligada às experiências históricas dos empresários negros em geral.

Outro estudo de Boyd (2000) mostrou que a grande depressão e o desemprego obrigaram os negros a iniciarem seus próprios negócios motivados pela necessidade. Nas cidades do norte a participação de negros em diversas ocupações empresariais foi significativamente associada as más perspectivas no mercado de trabalho, sendo as mulheres negras as mais afetadas nessas cidades.

Bates (2006) evidencia que negros americanos que residem nos bairros próximos a região central das cidades são mais atingidos pelo desemprego e pela pobreza urbana, já que muitos empregos não estão no centro. O autor argumenta que as estratégias de recuperação de áreas urbanas degradadas não garantem emprego para os negros que vivem nessas cidades. No entanto, há uma nova geração de empresas bem-sucedidas e qualificadas de empresários negros que empregam principalmente trabalhadores negros. A pesquisa explora o recente sucesso dos empresários negros e sinaliza para estratégias para melhorar as perspectivas de negócios dos negros e reduzir o desemprego na comunidade negra.

Já Boyd (2010) analisa empresas de varejo criadas por negros e a segregação racial em cidades no norte dos Estados Unidos antes da formação dos guetos. Ele demonstra que o empreendedorismo negro nas cidades do norte não foi afetado pela segregação residencial por raça mesmo depois da formação dos guetos. No entanto, uma análise dos dados do censo mostra que, no norte urbano durante o final do século XIX, a segregação residencial dos negros estava positivamente associada ao índice de lojistas negros, de forma que os empresários negros do varejo eram comerciantes e não vendedores ambulantes de pequenas mercadorias. Essa descoberta está de acordo com a teoria de que os negócios étnicos são muitas vezes sustentados pela segregação residencial dos membros do grupo étnico.

Perry e Waters (2012) utilizaram entrevistas com residentes negros, registro telefônicos e dados do censo para compor um estudo que explora as forças que influenciaram o desenvolvimento dos negócios de propriedade de negros no condado de Arlington no estado da Virgínia durante o período da segregação racial. Foi concluído que a maior influência no desenvolvimento da comunidade empresarial é a geografia única de Arlington. Pois a comunidade negra cresceu em três grandes bairros e não havia transporte público ligando esses bairros até o início

dos anos 1940. Com isso, a comunidade empresarial negra nunca prosperou na região.

Outro estudo realizado por Boyd (2019) mostra que pesquisas anteriores haviam apontado que durante o início do século XX as diversas atividades dos empresários negros não foram organizadas em uma economia étnica coerente. No entanto, foi realizada uma análise minuciosa com os dados do Censo que colocam essa constatação em xeque. Foram encontradas evidências que sugerem que importantes empreendimentos econômicos e sociais coexistiam para benefício das comunidades negras das cidades que foram os principais destinos dos migrantes negros do Sul no início do século XX.

Visando explorar a participação dos empreendedores negros no Brasil no período de 1990 a 2008, o trabalho de Oliveira, Pereira e Souza (2013) tem por objetivo discutir como fatores étnico-raciais influenciam o perfil dos empreendedores brasileiros. Os resultados sugerem que além de os empreendedores negros apresentarem as mesmas dificuldades de outros empreendedores no Brasil, as questões étnicas influenciam a dinâmica dos empreendimentos realizada pelos negros, especialmente a relacionada à captação de recursos, relação com fornecedores, clientes e com funcionários. Portanto, os empreendedores negros possuem maior dificuldade de acesso a recursos financeiros, como também nos processos de gestão de seus negócios.

Parker (2015) analisa se as empresas de propriedade de negros foram significativas para a queda da violência juvenil nas grandes cidades dos EUA de 1990 a 2000. Os resultados sugerem uma relação inversa entre empreendedorismo e prisões juvenis envolvendo violência em várias cidades. Além disso, a crescente presença de empresas afro-americanas é um fator significativo para a diminuição na violência juvenil negra durante o período da queda da criminalidade da década de 1990.

Harper-Anderson (2017) investigou os fatores que influenciam os resultados dos empresários negros do setor de serviços em Chicago, por meio de um estudo qualitativo. Os resultados indicam que barreiras raciais, cultura de empreendedorismo e a natureza do setor de serviços se combinam para formar um ambiente de negócios não acessível a todos. Os autores sugerem que a inclusão de modelos para o ambiente de negócios, juntamente com medidas de

responsabilização, são etapas necessárias para aumentar as oportunidades deste grupo.

## 2.4 BREVE SÍNTESE DA REVISÃO DA LITERATURA

Feita essa classificação dos artigos que abordam o tema do empreendedorismo negro em três grandes blocos, levando em conta a evolução em cada um deles, é possível realizar uma síntese dos principais achados de cada bloco. Esses achados podem orientar essa pesquisa, as entrevistas que serão realizadas com empreendedores negros no universo das startups. Esta síntese é apresentada a seguir.

Sobre o primeiro bloco que compara negros brancos e outros grupos étnicos, é bastante destacado nos artigos a dificuldade dos empreendedores negros de obter acesso ao crédito e a educação formal, além da discriminação que sofrem por não serem vistos como capazes de fornecer serviços e produtos de qualidade. Os estudos que compõem esse bloco evidenciam também que a sub-representação de negros entre empresários não ocorre por falta de tentativa, mas sim por falhas causadas pela falta de conhecimentos específicos para gerir a empresa. E mesmo empresários negros sendo 50% mais propensos a se envolverem com o ecossistema de startups, se comparados aos brancos, as empresas de propriedade de negros são menores e menos lucrativas do que as de propriedade dos brancos.

Já o segundo bloco, que trata dos avanços e oportunidades que os empreendedores negros podem aproveitar, mostra que políticas afirmativas foram e estão sendo criadas para fomentar o empreendedorismo negro, apoiando a diversidade étnico-racial, o empoderamento dessa população e construção de uma identidade racial. Os estudos inseridos nesse bloco destacam que a expansão econômica e a educação foram conquistas importantes para a população negra através. Tratou-se de iniciativas de resistência por meio das quais a população afrodescendente buscou o empoderamento e a valorização da cultura negra.

Por fim, o terceiro e último bloco abordou o racismo estrutural e como ele afeta as iniciativas empreendedoras de pessoas negras. Tal como no caso dos artigos classificados no primeiro bloco, aqueles situados neste chamam a atenção para a falta de acesso ao crédito. Mas, nesse caso, são enfatizadas razões estruturais. Os estudos ressaltam que empreendedores negros tiveram grande

dificuldade para penetrar na comunidade empresarial norte americana, uma vez que esta resistiu a esse ingresso em razão do racismo, da segregação racial. Os obstáculos relacionados à pobreza, ao isolamento espacial e à falta de legitimação por partir de clientes, parceiros e fornecedores também são apontados nesse bloco.

O Quadro 15 apresenta os principais obstáculos e as principais oportunidades encontradas pelos empreendedores negros para levar adiante os seus negócios segundo os artigos revisados na literatura e classificados nos três blocos.

Quadro 2 – Principais obstáculos e oportunidades

Principais obstáculos enfrentados pelos empreendedores negros no bloco 1 - Comparação entre negros e outras etnias	Principais avanços conquistados pelos empreendedores negros no bloco 2 - Avanços e oportunidades	Principais obstáculos enfrentados pelos empreendedores negros no bloco 3 - Racismo estrutural
Acesso a crédito Educação formal Discriminação/peconceito racial Isolamento espacial Pouca experiencia empresarial Legitimidade	Expansão econômica Diversidade etnica e cultural Educação formal/empresarial Políticas públicas Empoderamento cultural Construção de intendidade Racial	Acesso a crédito Discriminação/peconceito racial Isolamento espacial Legitimidade

Fonte: Autor

### 3 METODOLOGIA

Nesta seção serão apresentados a abordagem metodológica, os instrumentos de coleta de dados e a forma de tratamento e análise dos dados, que foram realizados na pesquisa.

#### 3.1 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A presente pesquisa pretende compreender como tem sido as experiências vivenciadas por pessoas negras ao empreenderem no universo das startups e quais obstáculos e oportunidades encontram e como agem para enfrentá-los ou aproveitá-las na gestão dos seus negócios. E para isso, a abordagem metodológica adotada para este trabalho é qualitativa e exploratória que para este estudo se deu por três aspectos: 1) pela necessidade de uma abordagem que favoreça o entendimento introdutório do fenômeno estudado; 2) pela busca do entendimento da realidade

construída e entendida pelos atores envolvidos; 3) pela construção da análise a partir da visão das pessoas envolvidas no contexto. Segundo Berg (2007), um estudo exploratório pode ser observado como primeiro passo para um grande estudo de ciências sociais, assim como pode ser usado como base para uma investigação mais ampla sobre o assunto.

Para Flick (2008), a pesquisa qualitativa possui grande relevância para os estudos sociais, por conta da sua versatilidade e adaptabilidade aos diversos campos do comportamento social. A pesquisa qualitativa não trata apenas da aplicação de técnicas e métodos, mas sim de atitude e pesquisa por parte do pesquisador.

Como a pesquisa qualitativa contextualiza o ambiente, a maneira com que as pessoas se comportam e vivem, o alcance interpretativo é abundante, em meio a experiências singulares, oferecendo um ponto de vista atual, integral e próprio dos fenômenos, da pesquisa a qualitativa gera profundidade no tratamento dos dados (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

Segundo Guerra e Teodósio (2014), na abordagem qualitativa existe uma grande possibilidade de ocorrer a interpretação de acordo com a perspectiva dos próprios sujeitos e objetos de estudo. O pesquisador deve ter como foco principal o aprofundamento na compreensão do fenômeno estudado, seja por intermédio das ações dos indivíduos, dos grupos ou das organizações.

Para Severino (2007), utilizada em pesquisas sociais qualitativas, a técnica exploratória busca levantar informações sobre um objeto, traçando um campo de trabalho, estruturando suas condições de manifestação. A entrevista em profundidade é utilizada em pesquisas sociais qualitativas, pois facilita a captação de percepções e experiências dos entrevistados. É de suma importância que o pesquisador assuma uma postura flexível, deixando seus entrevistados livres para se expressarem seus pensamento e pontos de vista sem restrições.

Em geral, os estudos exploratórios são utilizados, quando o escopo é analisar um tema ou problema de pesquisa pouco abordado, sobre o qual se tem dúvidas ou que não foi examinado antes (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

### 3.2 ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A operacionalização da coleta de dados foi realizada através de entrevistas em profundidade, com base nos objetivos da pesquisa. Para este estudo, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado, abrangendo dez questões, que foram apresentadas de forma aberta. É importante ressaltar que o roteiro concebido para este estudo foi utilizado de forma bastante flexível, tendo como objetivo permitir que as questões fossem abordadas numa ordem não predefinida permitindo a exploração de temas que emergem. Mesmo com a existência do roteiro, foi permitindo ao grupo investigado que se expressasse de maneira pessoal e aberta. Esse tipo de entrevista é indicado quando o tema da pesquisa é complexo, pouco explorado ou confidencial (GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA, 2010).

Duarte e Barros (2006) afirmam que a entrevista em profundidade quando utilizada em pesquisas sociais qualitativas é uma importante técnica exploratória que facilita a captação de percepções e experiências dos entrevistados, as quais serão analisadas e apresentadas de forma estruturada, permitindo a flexibilidade para que os entrevistados argumentem livremente sobre o tema, oferecendo ao mesmo tempo a possibilidade de realizar adaptações e ajustes quanto às questões em função da dinâmica do diálogo.

Para participar desta etapa da pesquisa, foram convidadas pessoas empreendedoras do universo das startups que se identificam como negras. Dentre todos os convidados, três se colocaram à disposição para participar da pesquisa. Na pesquisa qualitativa exploratória não se recorre aos critérios de representatividade próprios da pesquisa quantitativa. Assim, o mais importante para a seleção dos entrevistados foi a sua participação no processo de criação/fundação de startups, participação da gestão e desenvolvimento do negócio e a disposição para a concessão da entrevista.

As entrevistas foram realizadas de forma online e tiveram a duração média em torno de 44 minutos, foram gravadas com consentimento das participantes e transcritas posteriormente para serem analisadas. Os conteúdos serão expostos respeitando o anonimato das participantes e de seus locais de trabalho. Quanto a esse aspecto, segue-se Creswell (2013), que resalta a importância das questões éticas que envolvem a pesquisa científica, afirmando que o pesquisador tem a responsabilidade de respeitar os desejos dos entrevistados. As entrevistas foram

analisadas buscando-se relacionar as experiências dos empreendedores entrevistados com o que foi encontrado na revisão da literatura sobre os obstáculos e as oportunidades vivenciados por eles na condução dos seus negócios. Nesse processo, pretendeu-se também encontrar semelhanças e diferenças nas experiências vivenciadas por esses sujeitos.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

A fim de poder responder ao problema de pesquisa, a análise dos dados teve a finalidade compreender as experiências de empreendedores negros ao empreenderem no universo das startups, quais obstáculos e oportunidades encontram e como tem agido para enfrentá-los ou aproveitá-las na gestão dos seus negócios. Optou-se nas seções que compõem este capítulo por apresentar as experiências de cada um dos empreendedores, relacionando-as com as ideias dispostas na revisão da literatura, antes de fornecer uma visão de conjunto sobre elas. Assim, em cada uma das seções que seguem serão apontados: um breve perfil do entrevistado; os obstáculos encontrados por ele na condução do seu negócio; as oportunidades que encontrou na gestão do empreendimento; as ações que colocou em prática para contornar os obstáculos e aproveitar as oportunidades; seguida de uma síntese da sua experiência. Essa sequência permitiu que se chegasse a uma visão de conjunto dessas experiências.

#### Quadro 3 – Perfil dos Entrevistados

Entrevistado 1 (E3)	Entrevistado 2 (E2)	Entrevistado 3 (E3)
Entrevista realizada em: 20/12/22	Entrevista realizada em: 29/12/22	Entrevista realizada em: 12/12/22
Entrevista on line	Entrevista on line	Entrevista on line
Idade: 30 anos	Idade: 43	Idade: 37
Estado Civil: União estável	Estado Civil: Solteiro	Estado Civil: Solteiro
Formação: Odontologia	Formação: Geógrafo	Formação: Serviço Social
Quantidade de funcionarios: 11	Quantidade de funcionarios: 18	Quantidade de funcionarios: 25
Duração da emprestista: 31 min	Duração da emprestista: 67 min	Duração da emprestista: 36 min
Compo de atuação: Saúde	Compo de atuação: Afroturismo	Compo de atuação: Alimentação

Fonte: Autor

#### 4.1 ENTREVISTADO 1 (E1)

O Entrevistado 1 (E1) tem 30 anos de idade, vive em uma união estável, não possuindo filhos. Nasceu na Bahia, onde cursou o curso de graduação em odontologia e o mestrado em saúde pública na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Após concluir a graduação, atuou no SUS na área de saúde da família. Nessa ocasião, também fez residência em saúde básica. Sua jornada até o empreendedorismo se iniciou por circunstâncias profissionais, pois quando concluiu a graduação, se deparou com a difícil realidade dos dentistas no Brasil. Segundo o próprio E1:

Odontologia é um curso que não trata do tema empreendedorismo, apesar de os dentistas também serem empreendedores. O empreendedorismo nunca teve um lugar ou presença, porque em nenhum momento da minha adolescência, faculdade ou até mesmo no início da carreira, esse tema foi abordado.

Em 2019, quando cursava o mestrado, houve grande corte de bolsas para os cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Dessa forma, ele se viu obrigado a buscar um trabalho que o permitisse se manter e realizar a pesquisa. Além disso, estava descontente com a carreira de dentista, especialmente no que se refere ao ganho que lhe proporcionava. Foi então que lhe veio à mente uma ideia a partir de um pedido aparentemente inusitado de uma colega de profissão. Ela queria a indicação de um dentista especialista em tratamento de canal e que fosse negro para poder indicar a uma paciente. Justificou sua demanda por um profissional negro, apontando que essa paciente já havia sofrido discriminação racial em consultórios odontológicos de dentistas brancos. Pensou então que seria interessante criar uma startup juntamente com um sócio, também negro, com o propósito de conectar profissionais negros da área odontológica com a população negra. Ou seja, essa seria uma oportunidade a ser aproveitada. A ideia evoluiu e ele ponderou que seria mais interessante abarcar os profissionais negros da área de saúde de uma maneira geral.

Para tal, foi necessário um aprofundamento em alguns temas, como: saúde da população negra, discriminação racial na área de saúde e empreendedorismo, para que a empresa que pretendia criar conseguisse definir melhor sua proposta de valor. Com o amadurecimento dessa proposta de valor da empresa, os

empreendedores participaram de um programa do Sebrae chamado *Like a Boss*, que é focado em capacitações para cada estágio do negócio, realização de desafios, apoio a eventos envolvendo parceiros estratégicos do ecossistema de inovação.

Sobre os maiores obstáculos enfrentados pela empresa em seu início, E1 apontou a falta de acesso a crédito e investimento. Ele abordou esse aspecto na passagem da entrevista transcrita abaixo:

Será que alguém vai investir em uma ideia? Como podemos construir algo gastando o mínimo possível? Desde quando a gente surgiu, a gente só se esbarrou no problema do acesso a investimento para empreendedores negros. A gente foi chegando naquele momento de como é que iríamos construir nosso negócio e caímos numa pauta que é bastante discutida por parte das pessoas negras e outras minorias, que é a barreira que existe para empreendedores negros, mulheres, LGBTs. Esses grupos sociais ainda têm dificuldades em acessar algum tipo capital, investidores anjos, fundos de investimentos e até empréstimo em bancos.

Essa declaração feita pelo E1 vai ao encontro de um aspecto encontrado na revisão da literatura relativo a obstáculos e dificuldades encontrados por empreendedores negros na gestão do seu negócio.

Segundo E1, o ecossistema de inovação, que é composto por incubadoras, aceleradoras, investidores, etc., resiste ao que é diferente ou incomum, se comparado ao que já é praticado no mercado. Com isso, portas são fechadas para empreendedores e negócios negros por conta de desconhecimento, pelo fato de esses atores não entenderem o propósito social do negócio, principalmente quando se trata de um propósito social que possui um recorte racial.

Segundo E1, para a superação desses obstáculos ele contou com o apoio de pessoas negras e não negras aliadas à causa do empreendedorismo negro, que estavam a mais tempo atuando no ecossistema de empreendedorismo e inovação. Elas foram abrindo as portas. Ressaltou que foi de suma importância o primeiro processo de aceleração que a startup passou junto à aceleradora Vale do Dendê, que é um negócio de impacto social destinado a fomentar ecossistemas de inovação e criatividade com foco em diversidade. Considera que esse processo deu grande visibilidade ao negócio, à empresa recém-criada. Portanto, a existência de uma aceleradora cuja atuação está voltada para à diversidade, incluindo a racial, foi uma oportunidade encontrada por E1.

Outra oportunidade detectada por E1 foi o aproveitamento da sua imagem profissional como estratégia para alavancar o negócio. Isso porque ele conta com

reconhecimento social por ser uma autoridade em saúde e diversidade, por ter realizados pesquisas sobre saúde do trabalhador, relacionando-a com diversidade e inclusão. Sendo assim, sua imagem emprestou um peso importante para o negócio, que foi se tornando único no mercado. Atualmente sua empresa é referência em saúde e diversidade, principalmente diversidade racial, possuindo um propósito social muito bem definido.

Para E1, existem alguns pontos que chamam sua atenção em relação a outros empreendedores negros que também estão relacionados ao universo de tecnologia e das startups. Ele identificou que, de forma geral, os obstáculos que todos eles encontram são os mesmos, como a dificuldade de conseguir crédito ou investimento, e as barreiras para acessar o ecossistema que corresponde ao mercado de atuação da startup, como saúde, finanças, direito etc.

Do ponto de vista positivo, ou seja, das oportunidades, ele ressaltou o fortalecimento crescente, em rede, das startups criadas por empreendedores negros. De acordo com ele, essas empresas têm se tornado parceiras e clientes umas das outras. O programa de investimento *Black Founders Fund*, do qual a empresa de E1 recebeu incentivo, é um fundo criado pela Google para investir em startups fundadas por pessoas negras. E1 destacou que esse programa colaborou para a construção e aumento dessa rede entre empresas protagonizadas por negros.

Em síntese, em sua experiência E1, ainda que reconhecendo a existência do racismo estrutural (a discriminação racial vividas pelas pessoas negras na área de saúde), procurou superar obstáculos (acesso ao crédito e outros investimentos, barreiras para ingressar no ecossistema de inovação), e aproveitar oportunidades (pessoas negras e brancas aliadas, mais experientes no campo do empreendedorismo e da inovação, e conscientes da importância e das especificidades vividas pelos empreendedores negros, reputação da sua imagem) para conseguir alavancar seu negócio. Ele destacou como uma de suas principais conquistas até o momento os investimentos recebidos de diferentes origens, como aqueles provenientes de investidores anjo, do fundo do Google citado anteriormente e também da Fintech Nubank. E ressaltou que a maior conquista de todas foi conseguir colocar o produto na “rua” e também a recente entrada no mercado corporativo.

## 4.2 ENTREVISTADO 2 (E2)

O Entrevistado 2 (E2) nasceu em Nova Iguaçu na Baixada Fluminense, localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro. Ele tem 43 anos de idade, é solteiro e não possui filhos. Sua família vivia uma situação precária quando ele nasceu e por ficarem sem moradia, foram acolhidos por um terreiro de umbanda. Esse terreiro seria um local para moradia provisória, mas se tornou o lugar onde morou os primeiros 14 anos de sua vida. E2 abordou os aprendizados que teve no terreiro no trecho da entrevista transcrito abaixo:

Ali naquele espaço fui tendo aprendizados que hoje fazem parte do valor do meu negócio, como acolhida, ancestralidade, referências afro civilizatórias. Então, ali naquele espaço, minha mãe foi adotando vários outros irmãos e irmãs, tornando minha família muito maior.

E2 ressaltou que desde muito pequeno revelou uma personalidade ousada, sempre tendo uma atitude de tomar iniciativas. Uma delas foi na década de 1980, quando tinha aproximadamente 11 anos de idade e começou a organizar excursões para a praia. Como sua família era muito pobre e grande, acessar espaços de lazer era difícil. Considera essa então sua primeira atividade empreendedora e de natureza associada ao seu atual ramo de atividade, que é o turismo.

Com um perfil articulado e mobilizador, começou a participar de grupos de jovens da igreja católica e de movimentos sociais, se tornando militante em diferentes causas. Esse feito lhe proporcionou oportunidades e uma delas foi ingressar no movimento de pré-vestibulares que lutava na década de 1990 por ações afirmativas para jovens negros e de baixa renda. A partir desse movimento, E2 passou a tomar parte de uma experiência de ações afirmativas via bolsas de estudos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde veio a cursar a graduação em Geografia. Ainda durante o período de faculdade, em 2004, foi o primeiro negro da Baixada Fluminense a receber uma bolsa de intercâmbio para estudar nos Estados Unidos, na prestigiosa universidade de Harvard.

Após se formar em 2006, teve acesso rapidamente ao mercado de trabalho, tendo atuado em mineradoras, empresas de telecomunicações, dentre outras. Sendo um homem negro, com uma identidade positivamente afirmada, *dread* no cabelo desde muito jovem, sempre vivenciou situações de racismo. Em uma das

empresas que atuou, era necessário fazer muitas viagens. Então, sempre teve problemas em hotéis, como descreve no trecho da entrevista disposto a seguir:

Em hotéis, eu sempre tive problemas. Minhas reservas eram as que mais demoravam a serem encontradas. Quando retornava à noite de jantares, era comum ter abordagem de seguranças do hotel me questionando se eu era hóspede. Então, desde muito jovem eu já sabia o que era o racismo.

E2 relatou que foi morando em um apartamento no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, que teve as experiências mais contundentes de racismo. Ele pretendia alugar quartos do imóvel para hóspedes por meio de aplicativos. Contudo, as pessoas se negaram a ficar dentro de sua casa por ser ele um anfitrião negro. Naquele momento, percebeu que não poderia fornecer um serviço que o submetesse a viver situações de racismo dentro da própria casa. Essa situação o feria diretamente como cidadão e como consumidor que estava pagando por um serviço em uma plataforma digital.

A partir desse momento, o E2 percebeu a necessidade da existência de serviços dentro do mercado de turismo que tratasse pessoas negras com atendimento mais qualificado e inclusivo, para eliminar a situação de racismo que consumidores negros costumemente vivenciam. Assim, criou uma startup com propósito social e a missão de promover o conhecimento de lugares, pessoas, histórias e patrimônios da população negra. A empresa tem também o objetivo de tornar pessoas negras anfitriãs, por acreditar que dessa forma contribui para fazer com que a hospedagem de pessoas negras seja mais agradável, reduzindo a possibilidade de hóspedes e anfitriões negros serem vítimas de racismo.

Sobre os maiores obstáculos encontrados na sua atuação como empreendedor, E2 destacou que a jornada para empreender no nosso país é desafiadora para qualquer pessoa. Os desafios estão na estrutura de como se opera o estímulo à abertura de empresas. O que se encontra é muita burocracia e uma carga tributária que atrapalha muito o desenvolvimento do negócio em suas primeiras fases. Porém, acredita que para o empreendedor negro os desafios são bem maiores, uma vez que o racismo está inserido na estrutura da sociedade brasileira, colocando maiores barreiras para quem é negro.

Para o E2, o empreendedor negro, do ponto de vista econômico-financeiro, não vem de um lugar que tenha família e uma boa rede de contatos para ajudar a potencializar os primeiros anos do negócio. Então quando esse empreendedor vai

para uma instituição financeira para conseguir crédito, enfrenta o obstáculo da confiabilidade ligada diretamente ao racismo.

No que diz respeito aos obstáculos relativos à sua identidade étnico-racial, E2 afirmou o seguinte:

Eu tenho a compreensão do que representa ser negro nesse país racista. Sei que sou parte de uma estrutura desigual e que dentro dos mecanismos financeiros, de oportunidades e acesso, sobretudo para empreendedores negros, os desafios serão maiores para mim, que faço parte desse grupo, do que para uma pessoa não negra.

A startup criada por E2 superou desafios desde o começo. No início, quando tinham apenas a ideia, era necessário entender como fazer para que essa boa ideia se tornasse um negócio de fato. Para isso, os envolvidos participaram em 2017 de um curso na aceleradora de startups Ace e em seguida foram para a primeira aceleração na Yunus com a Oi Futuro, também em 2017. Essa aceleração ajudou a desenvolver o plano para iniciar a operação e abriu portas para uma segunda aceleração mais qualificada, lançada pelo Facebook, no Brasil em parceria com a aceleradora Artemísia, localizada em São Paulo.

Essa segunda aceleração, que ocorreu em 2018, ajudou a empresa a validar mais serviços da plataforma digital. Nessa oportunidade, dentre as startups que participaram do programa, a que foi criada por E2 teve um dos melhores resultados, tanto de aproveitamento do programa, quanto de crescimento. O ótimo resultado gerou novas oportunidades para diálogo com fundos de investimento e resultou em um convite de um dos maiores Hubs de inovação do país, o InovaBra do Banco Bradesco, para que a sede da empresa fosse levada para dentro da estrutura física do Hub e participasse de seu programa de aceleração. Como consequência de toda essa trajetória, veio em 2019 o primeiro aporte realizado por investidores.

Quanto ao entendimento por parte dos agentes que compõem o ecossistema de inovação sobre as particularidades vividas pelos empreendedores negros, E2 destacou que atualmente esse entendimento é diferente se comparado ao que ele percebia a cinco anos. Para ele, houve uma evolução nesse aspecto. Considera que as aceleradoras pelas quais sua empresa participou já entenderam a necessidade de apoiar e fomentar o empreendedorismo negro. Acrescentou que elas têm a sua empresa como referência, uma vez que foi uma das primeiras startups criada por negros que participou de grandes programas de aceleração no país.

Ainda segundo ele, hoje é possível notar uma repercussão maior das falas e posicionamentos de empreendedores negros, ou da ausência de representação negra nesses espaços. Isso coloca esses agentes do ecossistema de inovação em situação de constrangimento, levando-os a investir na inclusão e na equidade racial. Porém, ressaltou que ainda estamos longe do que seria de fato necessário ser feito nesse campo.

Dentre as maiores conquistas de sua startup, ele destacou que em 2022 recebeu um prêmio da Organização Mundial do Turismo, que reconheceu a sua empresa como a principal marca de afro-turismo da América Latina. Figurou também entre os três primeiros colocados no Prêmio Empreendedor Social da Folha de São Paulo. De toda forma, segundo ele, a principal conquista da empresa nesse 2022 foi superar a meta de resultados do negócio, tendo um crescimento sustentável, mesmo em um ano cheio de desafios para o país e principalmente para a economia, por conta da recente pandemia.

#### 4.3 ENTREVISTADO 3 (E3)

O Entrevistado 3 (E3) nasceu na zona sul de São Paulo, tem 37 anos de idade e é solteiro. cursou a graduação em serviço social, curso que lhe levou a perceber que educação e alimentação são direitos básicos da população. Com 21 anos foi para Portugal, com a intenção de sair da realidade cruel onde vivia, e lá trabalhou em restaurantes de diferentes portes. Contou que no início lavava louça, mas depois passou a de fato cozinhar, quando foi adquirindo grande experiência por seis anos. Após voltar para o Brasil, decidiu deixar um trabalho CLT em uma ONG, para junto com uma sócia empreender uma escola de gastronomia dentro da comunidade Jardim São Luiz para pessoas da própria comunidade. Além das aulas presenciais, existe a plataforma digital que foi desenvolvida durante a pandemia do COVID-19 com aulas online e um restaurante escola localizado no bairro da Vila Madalena em São Paulo.

Sobre os maiores obstáculos enfrentados pela empresa em seu início, E3 também apontou o acesso ao crédito e outros investimentos. Ele abordou esse tópico no trecho da entrevista transcrito abaixo:

Como convencer os investidores, a partir de uma lógica periférica e preta, que algo que você está fazendo é importante e realmente impacta diretamente a vida das pessoas, a ponto de eles investirem o seu capital na sua empresa.

A segunda principal dificuldade ressaltada por E3 em sua entrevista diz respeito aos impostos cobrados das pequenas empresas no Brasil. Ele destacou que elas pagam proporcionalmente o mesmo percentual de tributos de empresas grandes, “multibilionárias”. Segundo E3, este é um obstáculo que não há expectativa de melhoria no curto prazo. Porém, considera importante ressaltar esse problema.

Outro obstáculo destacado por E3 diz respeito à identidade étnico-racial dos empreendedores negros. Ele sinalizou para a diferença de tratamento entre ele e uma pessoa branca, que não é da periferia, quanto à circulação em certos espaços. Ressaltou, no trecho da entrevista transcrito a seguir, que isso representou, e ainda representa, uma barreira importante, evidenciando, mais uma vez a força do racismo estrutural.

Se você estivesse no mesmo lugar como negócio ou como pessoa, fosse branco e morasse em um bairro nobre da cidade de São Paulo, o seu tratamento seria outro. Isso é lógico, não estou dizendo o que achamos, estou dizendo o que sentimos.

Ele ressaltou ainda as consequências que esse racismo estrutural pode acarretar no plano individual. Destacou que quando uma pessoa negra alcança um lugar que não foi preparada para estar, por exemplo ser um empreendedor, ela precisa gerir uma equipe, entender de finanças, tecnologia e negócios. Isso a coloca numa posição social acima das pessoas do seu lugar de origem, mas ainda abaixo dos que vieram de outros lugares, estudaram em boas escolas e não são negros. Disse que, por consequência, é comum que a pessoa nessa situação desconfie da sua competência para estar naquela posição, para ocupar aquele espaço. Em outras palavras, o racismo estrutural tem consequências subjetivas no plano individual.

As acelerações que a sua empresa participou e os treinamentos individuais que E3 pôde realizar, como por exemplo participar de cursos de negócios na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP-FGV), foram fundamentais para superação dessas barreiras interpostas pelo racismo estrutural. Somado a isso, pessoas influentes que acreditam na causa, e no seu

negócio, também o apoiaram. Essa junção de diversos fatores culminou em bons resultados para a sua empresa.

Como principal oportunidade, E3 apontou que o momento atual é ótimo para os empreendedores negros, pois nunca a pauta racial em relação aos negócios foi tão discutida quanto está sendo atualmente. Ele considera que, ainda que esse movimento seja discreto em relação ao que poderia ser, não há como negar as oportunidades, como por exemplo a existência de incentivos de empresas e fundos apoiando empreendedores negros. Contudo, ressaltou que tais investimentos ainda são baixos, quando comparados a investimentos recebidos por startups de pessoas não negras e que não são periféricas.

Para E3, enquanto quem tomar decisões importantes referentes ao mundo dos negócios, forem exclusivamente pessoas brancas, as particularidades vivenciadas pelos empreendedores negros, e especialmente as suas dificuldades, nunca serão percebidas ou entendidas. Para que exista uma equidade entre os diferentes perfis de empreendedores, segundo ele, os negros precisariam estar em posição de tomar decisões importantes. Somente desta forma as particularidades dos empreendedores negros seriam assistidas de fato.

Em relação a outros empreendedores negros, E3 destacou que a adversidade vivida pela população negra periférica tem um potencial de gerar solidariedade e inovação social e de negócio. Conforme relatou em um trecho da entrevista:

É importante ressaltar que a população negra em geral precisa colaborar com negócios pretos para fortalecer e empoderar a comunidade. As pessoas precisam despertar para essa consciência de que cada um tem o poder de escolher onde gastar seu próprio dinheiro.

Dentre as principais conquistas alcançadas pela sua empresa, E3 destacou o reconhecimento alcançado por um aluno que se formou na sua escola de gastronomia e está trabalhando na área ou abriu seu próprio negócio.

Em relação a prêmios, ele próprio recebeu em 2022 o prêmio inspiração promovido pela Globo e sua empresa recebeu diversos outros dentro e fora do país, mas E3 acredita que isso é insuficiente para um empreendimento que se inicia com tantas dificuldades. Ele abordou com acidez esse aspecto no trecho da entrevista transcrito abaixo:

Chega disso de receber troféu ou menção honrosa. Quem busca troféus são pessoas brancas. Nós queremos reconhecimento em dinheiro, e se for prêmio, que venha em dinheiro, porque nosso negócio é fantástico e, mesmo com dificuldades e com altos impostos, nós fazemos isso com muita verdade.

#### 4.4 UMA VISÃO DE CONJUNTO DAS EXPERIÊNCIAS DOS TRÊS EMPREENDEDORES

Nas entrevistas realizadas, foi possível notar que nenhum dos empreendedores nasceu em meio a privilégios, muito pelo contrário, todos vieram de realidades bem modestas, sendo este o primeiro ponto comum entre eles. Porém, mesmo com as dificuldades causadas pela pobreza, todos frequentaram o ensino superior e se formaram. Esse fato contraria uma posição de Light (1972), quando afirma que cada grupo étnico de empreendedores possuem as suas dificuldades particulares, entretanto todos enfrentam a falta de educação formal.

Por mais que tenham tido motivações diferentes para empreender, todos escolheram a atividade empreendedora por um propósito, ligado à questão racial, social ou ambas. Outra semelhança é que optaram por criar empresas em razão das situações constrangedoras que aconteceram com eles próprios, ou com pessoas próximas. Sendo assim, buscaram mudar a realidade e o contexto de vida das pessoas pretas e periféricas por meio de suas iniciativas empreendedoras. Esses argumentos corroboram com Jones (2017), que aponta quatro conceitos principais interligados: empoderamento econômico, empoderamento comunitário, legado e empoderamento da justiça social. Mostrando que o empreendedorismo negro é um ato de resistência e uma forma de trabalhar a favor do empoderamento cultural apesar da discriminação e marginalização sofrida pelos negros.

Outro ponto em comum que chama a atenção é que por falta de experiência empresarial, no início do ciclo de vidas dos seus empreendimentos, todos foram buscar conhecimentos para poder gerir bem o negócio com eficiência. Isso corrobora com Fairlie (1999), onde aponta que os negros em sua maioria não possuem um negócio próprio na família contribuindo para a falta de experiência empresarial. E Fairlie e Meyer (2000), argumentam que ter pouca experiência empresarial, tem um efeito negativo direto no desempenho de empresas criadas por empreendedores negros. Assim, os empreendedores estudaram temas como gestão

de negócios, empreendedorismo, inovação, tecnologia e principalmente procuraram entender como funciona o ecossistema de startups. Conhecimentos específicos de cada ramo de atividades também foram buscados. Não somente cursos, mas também dados e estudos sobre os mercados que pretendiam explorar.

Em relação aos desafios e barreiras enfrentadas, os três entrevistados apontaram a carga tributária que incide sobre pequenas empresas. Isso, de acordo com eles, acaba dificultando muito o desenvolvimento do negócio no período inicial. Eles ressaltaram que consideram injusto que uma pequena empresa pague o mesmo percentual de impostos que grandes empresas pagam.

Outra barreira citada foi a dificuldade de conseguir capital por meio de investidores. Esse argumento confirma o que Fairlie, Robb e Robinson (2020, apontam sobre análise das disparidades raciais no acesso ao capital para novos empreendimentos mostrando que para os empreendedores negros, o investimento em startups é mais restrito fazendo com que essas empresas comecem pequenas e assim permanecem ao longo dos primeiros oito anos de atividade dificultando assim seu desenvolvimento. Os investidores, por serem em sua maioria homens brancos oriundos de camadas privilegiadas, desconhecem a importância e a relevância da pauta racial nos negócios. Ademais, o acesso ao crédito via instituições financeiras muitas vezes é negado simplesmente pela cor da pele. Conforme a pesquisa realizada pelo Plano CDE, Feira Preta e JPMORGAN (2019), em que 32% dos empreendedores negros afirma terem crédito negado sem motivo e 3% por serem negros. Teixeira (2001) e Kopkin (2017), confirmam também que os empreendedores negros encontram mais barreiras para iniciar a operação de seus negócios, especificamente pelas dificuldades para conseguir crédito/empréstimos de instituições financeiras e bancos. E para Oliveira, Pereira e Souza (2013), as questões étnicas influenciam a dinâmica dos empreendimentos realizados pelos negros, especialmente o que está relacionada à captação de recursos.

Além disso, o tratamento oferecido nesses espaços não é o mesmo que as pessoas brancas recebem. Em síntese, convencer homens brancos que um serviço que promove equidade racial e social transforma vidas e impacta de forma positiva a sociedade, podendo se constituir num bom negócio, é um desafio grande.

Os programas de aceleração que seus empreendimentos puderam participar, além da educação que cada um teve acesso, seja como indivíduo, seja por meio da sua empresa, foram as principais molas propulsoras para que as startups que

iniciaram conseguissem alcançar bons resultados até aqui. Identificar pessoas negras e não negras relevantes no ecossistema de inovação, que são sensíveis às pautas sociais e raciais, foi também considerado por eles como um aspecto fundamental para a superação de barreiras impostas pelo racismo estrutural.

Por fim, eles reconhecem que o momento atual é mais favorável do que aquele existente há alguns anos, mesmo ainda sendo insuficiente em relação ao que poderia ser. O movimento de abertura no ecossistema de inovação no sentido da promoção da equidade racial leva a empresa que não estiver dando atenção a isso a passar por constrangimentos. Isso amplia o leque de parcerias que esses empreendedores disseram poder fazer nos seus ambientes de negócios.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho traz os resultados de uma pesquisa realizada sobre o empreendedorismo negro em suas relações com o ecossistema de inovação. Pretendeu-se investigar como tem sido as experiências vivenciadas por pessoas negras ao empreenderem no universo das startups e quais obstáculos e oportunidades elas encontram na gestão dos seus negócios.

O problema de pesquisa foi estruturado a partir das seguintes perguntas de investigação: Como tem sido as experiências vivenciadas por pessoas negras ao empreenderem no universo das startups? Quais obstáculos e quais oportunidades encontram e como agem para enfrentá-los ou aproveitá-las na gestão dos seus negócios?

Ao final da pesquisa acredita-se que se reuniu material suficiente para que se possa responder ao problema de pesquisa. Os resultados evidenciaram que os três entrevistados apontaram barreiras semelhantes e, de modo geral, as experiências vivenciadas por eles no universo das startups têm sido marcadas por grandes barreiras. A principal delas foi a captação de recursos no mercado financeiro, seja por investidores, seja por instituições financeiras. O acesso ao crédito via instituições financeiras muitas vezes é negado a estes empreendedores simplesmente pela sua cor da pele, ou pela sua origem de classe. Ademais, a pessoa negra não possui nesses espaços o mesmo tratamento recebido pelas pessoas brancas.

Uma vez que os investidores são, em sua maioria, homens brancos, oriundos de camadas privilegiadas, eles, em geral, desconhecem a importância e a relevância da pauta racial nos negócios. De maneira resumida, é possível dizer que é difícil convencer homens não negros a investirem seu capital em serviços que promovem equidade racial e social e que pode transverter a vida das pessoas, gerando um impacto positivo na sociedade.

Apesar dessas e de outras barreiras, os empreendedores negros entrevistados não ficaram paralisados. Eles procuraram superar os desafios e aproveitar oportunidades que também tiveram. A superação dos desafios se deu, por exemplo, pela via do agenciamento de uma rede de contatos com pessoas negras, ou brancas sensíveis à causa social, que possuíam maior experiência com empreendedorismo e com o ecossistema de inovação. Dessa forma, foram abrindo portas que os levaram a participar de importantes programas de aceleração. Uma das principais oportunidades que souberam aproveitar foi o momento mais favorável hoje do que há anos quanto à importância da agenda referente à equidade racial no mundo dos negócios, incluindo aquele referente às startups. Ademais, as histórias de vida desses empreendedores os habilitaram a iniciarem negócios nos segmentos que escolheram.

Ainda que esse estudo possa ter trazido algumas contribuições à compreensão do fenômeno do empreendedorismo negro, ele apresenta limitações. Uma primeira que é possível apontar diz respeito ao número reduzido de empreendedores entrevistados. Porém, acredita-se ser isto algo compreensível, uma vez que se tratou de um estudo exploratório.

Outra limitação se refere aos dados utilizados na investigação. Além de dados secundários provenientes de uma survey feita previamente por organizações do ecossistema de inovação, o trabalho aqui apresentado contou apenas com entrevistas em profundidade. Os dados provenientes dessas entrevistas poderiam ter sido triangulados com ao menos outras duas fontes: análises das redes sociais dos negócios abertos por esses empreendedores e de reportagens veiculadas na mídia sobre eles; e a observação direta dos espaços em que as suas empresas funcionam, ao menos no caso dos empreendedores situados na cidade de São Paulo.

Como recomendação para pesquisas futuras pode-se sugerir um aprofundamento do tema tanto pela via qualitativa, quanto pela via quantitativa.

Nesse caso, além da superação dos limites apontados acima, valeria explorar as experiências empreendedoras de mulheres negras. Dessa forma, a análise do fenômeno ampliaria a sua complexidade, na medida em que seria realizada a partir de uma perspectiva interseccional, atenta as articulações raça, classe e gênero nas trajetórias empreendedoras de pessoas negras.

Por fim, duas últimas sugestões. A primeira: refletir, de maneira comparativa, sobre as experiências de empreendedores negros que empreendem em segmentos distintos como Fintechs, Healthtech, Foodtech, Afroturismo, etc. Talvez o racismo estrutural traga mais barreiras para negros iniciarem negócios em setores elitizados, como finanças e saúde, do que naqueles como turismo e gastronomia. A segunda: levar em conta os chamados negócios pretos na área de tecnologia e inovação em diferentes regiões do Brasil. Apesar dos muitos obstáculos que pessoas negras encontram para empreender, esses negócios pretos têm se multiplicado em diversas cidades brasileiras e já não são raros os casos de empreendedores negros que despontam na mídia como casos ou como promessas de sucesso enquanto empreendedores.

## REFERÊNCIAS

- BATES, T. Trends in Promoting Government to Black Entrepreneurship. **The Review of Black Political Economy**, n. 5, p. 175-184, Dezembro 1975.
- BATES, T. The urban development potential of black-owned businesses. **Journal of the American Planning Association**, v. 72, n. 2, p. 227-237, 2006.
- BERG, Bruce L. *Qualitative Research Methods For The Social Sciences*. Michigan: Pearson/Allyn & Bacon, 2007.
- BOYD, R. L. A “Body of Business Makers”: The Detroit Housewives League, Black Women Entrepreneurs, and the Rise of Detroit’s African American Business Community. **Enterprise & Society**, v. 23, n. 1, p. 164 – 205. 2020.
- BOYD, R. L. A Contextual Analysis of the Black Self-Employed Work in Large Metropolis Areas, 1970-1980. **The University of North Carolina Press Social Forces**, v. 70, n. 2, p 409-429, 1991.
- BOYD, R. L. Black Retail Enterprise and Racial Segregation in Northern Cities before the “Ghetto. **Sociological Perspectives**, v. 53, n. 3, p. 397–417, 2010.
- BOYD, R. L. Demographic Change and Entrepreneurial Occupations: African Americans in Northern Cities. **The American Journal of Economy and Sociology**, v. 55, n. 2, p. 129-143, 1996.
- BOYD, R. L. Faculties and Universities Historically Black and the Black Business Elite. **Sociological Perspectives**, v. 50, n. 4, p. 545–560, 2007.
- BOYD, R. L. Residential Segregation by Race and Blacks Merchants from Northern Cities during the Beginning of the Twentieth Century. **Sociological Forum**, v. 13, p. 595-609, 1998.
- BOYD, R. L. Survivalist entrepreneurship among urban blacks during the Great Depression: A test of the disadvantage theory of business enterprise. **Social Science Quarterly**, v. 81, n. 4, p. 972-984, 2000.
- BOYD, R. L. The Great Migration to the North and the “Black Metropolis” of the early twentieth century: A reevaluation of the role of Black community size. **The Social Science Journal**, v. 51, n. 1, p. 6-11, 2019.
- BRADFORD, W. D. The “Myth” of Black Entrepreneurship Can Reduce the Gap in Wealth between Black and White Families. **Economic Development Quarterly**, v. 28, n. 3, p. 254– 269, 2014.
- COHEN, Susan. What do accelerators do? Insights from incubators and angels. **Innovations: Technology, Governance, Globalization**, v. 8, n. 3/4, p. 19-25, 2013.

CONLEY, N.; BILIMORIA, D. Barriers and Mitigating Strategies of Entrepreneurial Business Growth: The Role of Entrepreneur Race and Gender. **Entrepreneurship Research Journal**, v. 13, n. 3 p. 341 – 439, 2022.

COLES, F. A. Financial Institutions and the Afro-Entrepreneurship. *Journal of Black Studies*, v. 3, n. 3, p. 329-349, Março 1973.

CORACCINI, Raphael. **Nubank vai investir R\$ 1 milhão em startups de empreendedores negros**. CNN Brasil, 24 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/nubank-vai-investir-r-1-milhao-em-startups-de-empreendedores-negros/>>. Acesso em: 25 maio 2022.

CRESWELL, John W. *Qualitative Inquiry And Research Design: Choosing Among Five Approaches*. 3 ed., Los Angeles: Sage, 2013.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2.ed., São Paulo: Atlas, 2006.

EDELMAN, D. C. Online Women's Magazines: Differences in Perceptions between Print and Online Magazines among Female Readers. **Harvard Business Review**, n. 88, p. 63 – 69. 2010.

ESTADÃO. **A força do empreendedorismo negro**. 2021. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,a-forca-do-empreendedorismo-negro,70003913189>>. Acesso em: 28 jun. 2022.

FAIRLIE, R. W. The Absence of the African-American Owned Business: An Analysis of the Dynamics of Self-Employment. **Journal of Labor Economics**, v. 17, n. 1, p. 80-108, 1999.

FAIRLIE, R. W.; MEYER, B. D. Trends in Self-Employment among White and Black Men During the Twentieth Century. **The Journal of Human Resources**, v. 35, n. 4, p. 643-669, 2000.

FAIRLIE, R. W.; ROBB, A.; ROBINSON, D. T. Black and White: Access to Capital among Minority-Owned Startups. **NBER Working Paper**, n. 281554, 2020.

FARIAS, J. P. B.; PIMENTEL, J. M. V.; SANTOS, L. C. Turismo étnico-afro: uma possível alternativa para empreendedorismo e empoderamento negro no Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 21, n 2, p. 51-65, 2021.

FERREIRA, Gabriel. Escalada para executivos negros fica um pouco menos difícil. **Exame**, Carreira, 11 dez. 2013. Disponível em: <<https://exame.com/carreira/escalada-um-pouco-menos-dificil/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

FESSELMeyer, E.; SEAH, K. Y. Neighborhood Segregation and Black Entrepreneurship. **Economics Letters**, n. 154, p. 88-91, 2017.

FILIPPE, Marina. Google anuncia mais R\$ 8,5 mi para startups lideradas por pessoas negras. **Exame**, 17 fev. 2022. Disponível em: <<https://exame.com/esg/google-anuncia-mais-r85-mi-para-startups-lideradas-por-pessoas-negras/>>. Acesso em: 25 maio 2022.

FLICK, Uwe. Introdução à Pesquisa Qualitativa, 3.ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2008.

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR; IBQP – INSTITUTO BRASILEIRO DE PRODUTIVIDADE; SEBRE . Empreendedorismo no Brasil. 2019. Disponível em: <https://ibqp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Empreendedorismo-no-Brasil-GEM-2019.pdf>. Acesso em: 25 junho 2022.

GODOI, Christiane K.; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da (Orgs). Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

GRATÃO, Paulo. Exclusivo: 85% da população negra tem interesse em empreender; para 25%, é o maior sonho. **Pequenas Empresas & Grandes Negócios**, Empreendedorismo, 20 nov. 2021. Disponível em: <<https://revistapegn.globo.com/Empreendedorismo/noticia/2021/11/85-da-populacao-negra-tem-interesse-em-empreendedorismo-para-25-e-o-maior-sonho.html>>. Acesso em: 28 jun. 2022.

GUERRA, J. F. C.; TEODÓSIO, A. S. S. Pesquisa Qualitativa em Gestão Social: uma análise da produção de conhecimento em estudos de caso. **Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 14, n. 3. 2014.

HARPER-ANDERSON, E. Contemporary Black Entrepreneurship in Chicago's Professional Services Sector: Intersections of Race, Entrepreneurship and Economics Transformation. **Urban Affairs Review**, v. 51, n. 3, p. 1–32, 2017.

HOCHBERG, Yael V. Accelerating entrepreneurs and ecosystems: The seed accelerator model. **Innovation Policy and the Economy**, v. 16, n. 1, p. 25-51, 2016.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características gerais dos domicílios e dos moradores 2019**. 2020. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. 2019. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2021.

INSTITUTO ETHOS. **Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e Suas Ações Afirmativas**. 2016. Disponível em:

<[https://issuu.com/institutoethos/docs/perfil\\_social\\_tacial\\_genero\\_500empr](https://issuu.com/institutoethos/docs/perfil_social_tacial_genero_500empr)>. Acesso em: 30 jun. 2021.

IRONS, E. D. Afro-entrepreneurship: its justification, its Problems, its Perspectives. **Phylon**, v. 37, n. 1, p. 12-25, 1976.

JONES, N. N. Rhetorical Narratives of Black Entrepreneurs: The Business of Race, Agency, and Cultural Empowerment. **Journal of Business and Technical Communication**, v.31, n. 3, p. 319–349, 2017.

KOLLINGER, P.; MINNITI, M. It's not for lack of trying: Entrepreneurship in Black and White. **Small Business Economics**, n. 27, p. 59–79, 2006.

KOPKIN, N. Does Racial Prejudice Affect Black Entrepreneurship?: Spatial Evidence Exploring Differences in Prejudiced Atitudes. **Applied Economics**, v. 49, n. 31, p. 3045–3066, 2017.

LEVINE, CH. Afroentrepreneurship in the Ghetto - Recruitment Strategy. **Land Economics**, v. 48, n. 3, p. 269-273, 1972.

LIGHT, I. H. Ethnic Enterprise in America: Business and Welfare Among Chinese, Japanese, and Blacks. Berkley, Los Angeles: University of California Press, 1972.

LIGHT, I. H. Disadvantaged minorities in self-employment. **International Journal of Comparative Sociology**, v. 20, n. 1/2, p. 31-45, 1979.

MONEY TIMES. **BlackRocks, BTG e TikTok fazem parceria para impulsionar startups lideradas por pessoas Negras**. 2022. Disponível em: <<https://www.moneytimes.com.br/blackrocks-btg-e-tiktok-fazem-parceria-para-impulsionar-startups-lideradas-por-pessoas-negras/#:~:text=O%20BTG%20Pactual%20est%C3%A1%20entre,Sallouti%2C%20CEO%20do%20BTG%20Pactual>>. Acesso em: 25 maio 2022.

MUNDO NEGRO. **Com aporte de R\$ 2 milhões, Carrefour lança editais para apoiar coletivos negros e afroempreendedores**. 2021. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/com-aporte-de-r-2-milhoes-carrefour-lanca-editais-para-apoiar-coletivos-negros-e-afroempreendedores/>>. Acesso em: 25 maio 2022.

MUNDO NEGRO. **A diversidade das startups e o futuro desse mercado**. 2022. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/a-diversidade-nas-startups-e-o-futuro-desse-mercado/>>. Acesso em: 30 jun. 2022.

NUNES, P. R. **Oportunidades invisíveis**: Aprenda a inovar com empresas que apostam na diversidade e geram riquezas. Local: São Paulo - Editora Matrix, 2019.

OGBOLU, M.N.; SINGH, R.P.; WILBON, A. Legitimity, Attitudes and Intended Sponsorship: Understanding the Challenges Facing Black Entrepreneurs. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 20, n. 1, 2015.

OLIVEIRA, J. S.; PEREIRA, J. A.; SOUZA, M. C. D. Empreendedorismo, cultura e diversidade: a participação dos empreendedores negros nas atividades empreendedoras no Brasil no período de 1990 a 2008. *Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, v. 11, n. 2. 2013.

OLIVEIRA, A.; IIZUKA, E.; JAIME, P. Black Entrepreneurship: Theoretical Contributions, Challenges, and Opportunities. **Academy of Management Annual Meeting**, 2021.

PARKER, K. F. The African-American Entrepreneur–Crime Drop Relationship: Growing African-American Business Ownership and Declining Youth Violence. **Urban Affairs Review**, v. 51, n. 6, p. 1–30, 2015.

PERRY, N.; WATERS, N. M. "Southern suburb/Northern city: Black Entrepreneurship in Segregated Arlington County, Virginia". **Urban Geography**, v. 33, n. 5, p. 655–674, 2012.

PLANO CDE; FEIRA PRETA; JPMORGAN. Empreendedorismo Negro no Brasil. 2019. Disponível em: <<https://www.planocde.com.br/site2018/wp-content/uploads/2020/05/PlanoCDE-FeiraPreta-JPMorgan.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

RAZIN, E.; LIGHT, I. Ethnic Entrepreneurs in America's Largest Metropolitan Areas. **Urban Affairs Review**, v. 33, n. 3, p. 332-360, Jan. 1998.

REZENDE, A.; MAFRA, F.; PEREIRA, J. Empreendedorismo Negro e Salões Étnicos: Possibilidades de Resistências na (re)Construção Social da Identidade Negra. **Revista Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 87, p. 589-609, out./dez. 2018.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. Metodologia de Pesquisa. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, E. L. S.; OLIVEIRA, J. S. Práticas, Raça e Organizações Empreendedoras: Um Estudo com Negros Empreendedores na Região Metropolitana da Cidade do Rio de Janeiro. **Revista Ciências Administrativas**, v. 26, n 9718, 2020.

SCHUMPETER, J. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

SEBRE. **Afroempreendedorismo cresce atuação no Brasil**. 2020. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/afroempreendedorismo-cresce-atuacao-no-brasil,54994b31ad5e5710VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

- SEBRAE. **O que é empreendedorismo?** 2021. Disponível em: <https://www.sebrae-sc.com.br/blog/o-que-e-empreendedorismo>. Acesso em: 29 maio 2022.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. **Academy of Management Review**, v. 25, n. 1, p. 217-226, 2000.
- SILVERMAN, R. M. The Effects of Racism and Racial Discrimination on Minority Business Development: The Case of Black Manufacturers on Chicago Ethnic Beauty Aids Industry. *Journal of social history*, v. 31, n. 3, p. 571-597, 1998.
- SONFIELD, M. C. Progress and Success in Development of Black Property Franchise Units. **The Review of Black Political Economy**, n. 22, p. 73-87, 1993.
- STEVENSON, H. H; JARILLO, J. C. A Paradigm of Entrepreneurship: Entrepreneurial Management. **Strategic Management Journal**, v. 11, n. 4, p. 17-27, 1990.
- RAM, M.; SMALLBONE, D. Policies to support ethnic minority enterprise: the English experience. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 15, n. 2, p. 151-166. 2003.
- RODRIGUES, Thais. Principal sonho entre a população negra é empreender, revela pesquisa inédita. **Terra**, 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/principal-sonho-entre-a-populacao-negra-e-empreender-revela-pesquisa-inedita,4ada81d026083eaf4d06c585b6b7099a8kys8p1m.html>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- TEIXEIRA, C. Community Resources and Opportunities in Ethnic Economies: A Portuguese Case Study and Black Entrepreneurs in Toronto. **Urban Studies**, v. 38, n. 11, p. 2055–2078, 2001.
- US CENSUS BUREAU. **Race and Ethnicity in the United States: 2010 Census and 2020 Census**. 2021. Disponível em: <https://www.census.gov/library/visualizations/interactive/race-and-ethnicity-in-the-united-state-2010-and-2020-census.html>. Acesso em: 28 nov. 2021.
- WALKER, J. Racism, Slavery and Free Enterprise: Black Entrepreneurship in the United States Before the Civil War. **Business History Review**, v. 60, n. 3, p. 343-382, 1986.